

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARTE
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

MATHEUS MASCARENHAS DE MIRANDA MENDES

UMA IGREJA QUE NASCE DA ESPERANÇA:

Projeto artístico de uma Nova Igreja - A história da arte da Diocese de Duque de Caxias

RIO DE JANEIRO

2024

MATHEUS MASCARENHAS DE MIRANDA MENDES

UMA IGREJA QUE NASCE DA ESPERANÇA:

Projeto artístico de uma Nova Igreja - A história da arte da Diocese de Duque de Caxias.

Trabalho Final de Graduação apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Bacharel em
História da Arte.

Orientadora: Patricia Leal Azevedo Corrêa.

RIO DE JANEIRO

2024

MATHEUS MASCARENHAS DE MIRANDA MENDES

UMA IGREJA QUE NASCE DA ESPERANÇA:

Projeto artístico de uma Nova Igreja - A história da arte da Diocese de Duque de Caxias.

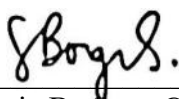
Trabalho Final de Graduação apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Bacharel em
História da Arte.

Duque de Caxias, 17 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA



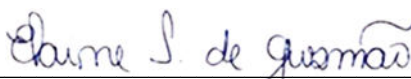
Profª Dra. Patricia Leal Azevedo Corrêa (orientadora)
Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profª Dra. Sílvia Barbosa Guimarães Borges
Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profª Dra. Tania Maria da Silva Amaro de Almeida
Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias



Profª Ma. Elaine Tavares de Gusmão
Comissão para os Bens Culturais e Artes Sacras da Diocese de Duque de Caxias

Dedico este trabalho à memória de Dom Mauro Morelli, a Irmão Francisco Dias, cbs, e a minha bisa Salvadora Mascarenhas Ferreira de Souza.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com o apoio de muitas pessoas e instituições, às quais expresso minha mais profunda gratidão.

À professora Patricia Corrêa, que, com dedicação e paciência, me acompanhou ao longo deste ano, oferecendo orientação pontual e todo o suporte necessário para a elaboração deste projeto.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialmente ao Departamento de História e Teoria da Arte, pelo ambiente acadêmico e pelos recursos fundamentais para a construção desta pesquisa.

À professora Adriana Facina, cujos ensinamentos durante o período de Iniciação Científica foram essenciais para meu desenvolvimento acadêmico. Agradeço também à Bolsa PIBIC/UFRJ, cujo apoio ao longo dos últimos dois anos tornou possível a consolidação deste estudo.

À Diocese de Duque de Caxias, representada por Sua Excelência Reverendíssima Dom Tarcísio Nascentes dos Santos, e, de modo especial, ao Padre Domingos Ormonde. Em seu nome, agradeço a todo o clero, às comunidades e aos fiéis que generosamente contribuíram com suas histórias, memórias e testemunhos, enriquecendo profundamente esta pesquisa. Agradeço ainda a todos que participaram do processo de coleta de dados, pela colaboração e disposição.

À minha avó, Selma Mascarenhas de Souza, por seu incentivo incansável e por não permitir que eu desistisse, mesmo diante dos desafios.

Aos meus amigos, pela compreensão diante das ausências e do afastamento temporário durante esta jornada.

Que Nossa Senhora do Pilar, intercessora e protetora, rogue por nós!

“Nós vivemos essa Igreja encarnada no meio do povo, no meio dos sofredores.
Eu acredito e VIVO que não há outra maneira de viver o evangelho
que não seja com compromisso com o Cristo que se faz pobre.
É possível, mesmo na fragilidade que nós somos, que a Comunidade é,
que cada um de nós somos também como pessoa, de viver a fragilidade
com aqueles que são mais frágeis que a gente.
E a gente não consegue isso sozinho, a gente consegue isso em Comunidade
e essa minha Diocese, essa minha Comunidade
é onde que eu faço essa experiência, é onde eu encontro força,
junto com outros irmãos que têm a mesma fragilidade,
tem a mesma experiência de vida e de fé, de viver o amor de Jesus.”

(Irmão Francisco Assis Dias de Araújo, cbs).

RESUMO

MENDES, Matheus Mascarenhas de Miranda. *Uma Igreja que nasce da esperança*: projeto artístico de uma Nova Igreja – a história da arte da Diocese de Duque de Caxias. Rio de Janeiro, 2024. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Esta pesquisa investigou a produção artística da Diocese de Duque de Caxias, desde sua fundação em 1981 até os primeiros anos do século XXI, analisando como essa produção contribuiu para moldar a identidade diocesana e fortalecer o projeto pastoral de uma “Nova Igreja”. Estruturalmente, o trabalho abordou o contexto histórico da Diocese, destacando os grandes acontecimentos que marcaram sua trajetória, com ênfase na construção de um projeto estético e pedagógico-religioso. O estudo centrou-se na análise das obras de figuras emblemáticas, como Irmã Cláudia Schmid e Padre Domingos Ormonde, reconhecendo sua importância na definição da estética e do patrimônio artístico diocesano. Para tanto, utilizou-se uma abordagem interdisciplinar que abrange a análise de objetos artísticos, por meio de dois livros fundamentais para a história da Diocese — “História de uma Nova Igreja”, organizado pelo Padre Theóphilo Mattos, e “Patrimônio de Fé: Diocese de Duque de Caxias”, organizado por Elaine de Gusmão e Tania de Almeida —, além de um artigo de Ercília de Oliveira, edições do Jornal Pilar e entrevistas com membros da comunidade. A proposta consistiu em contar a história da Diocese a partir de seu patrimônio material, reconhecendo a arte como uma ferramenta não apenas estética, mas também de resistência cultural e coesão comunitária, capaz de regenerar a espiritualidade e fortalecer a identidade cultural popular religiosa. Concluiu-se que os objetos artísticos, enquanto expressões tangíveis do projeto diocesano, não apenas informam, mas também inspiram solidariedade e reafirmam o ideal de uma Igreja esperança, como proposto no Jubileu de 2025 pelo Papa Francisco. Assim, o trabalho buscou consolidar a compreensão da arte como ponte regeneradora e elemento unificador entre os integrantes dessa Igreja particular.

Palavras-chave: Arte Sacra Contemporânea; Diocese de Duque de Caxias; Nova Igreja; Comunidade; Fé.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Igreja Nossa Senhora do Pilar de Duque de Caxias, 2023.	18
Figura 2: Altar-mor da Capela Nossa Senhora do Pilar, 2023.	23
Figura 3: Posse do bispo Dom Mauro Morelli na Diocese de Duque de Caxias, 1981.	28
Figura 4: Convite de Ordenação Sacerdotal do Padre Domingos Ormonde, 1982. Ilustrado pela irmã Claudia Schmid	30
Figura 5: Cartaz de Ação de Graças pelos 101 anos da Irmã Claudia Schmid, 2015.	32
Figura 6: Capa do Documento Final do Sínodo Diocesano do Batismo, 1986. Ilustrado por irmã Claudia Schmid	33
Figura 7: Detalhe do Painel do Colégio Santa Clara em Santa Catarina.	35
Figura 8: Dom Mauro Morelli em ato ecumênico solidário à greve da Fiat, 1981.	38
Figura 9: Capa do Documento Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti, 1988.	39
Figura 10: Painel da Irmã Claudia Schmid na Comunidade Cristo Operário.	44
Figura 11: Painel do 7º Encontro Intereclesial das CEBs, ilustrado pela Irmã Claudia Schmid, 1989.	45
Figura 12: A imagem do Documentário “Na terra Santa da Baixada” à Entrada da Bíblia, no 7º Intereclesial das CEBs, em Duque de Caxias, 1989.	47
Figura 13: 7º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base, 1989.	49
Figura 14: Vigília Diocesana de Pentecostes - Catedral de Santo Antônio, maio de 2002.	50
Figura 15: Conselho Diocesano de Pastoral, em São Bento. 11 de fevereiro de 1996	52
Figura 16: Capa e 4º-capa do documento sinodal “Que todos sejam um: Comunhão Co-responsabilidade e Coordenação da Igreja em Duque de Caxias e S. João de Meriti, RJ”, 2009.	53
Figura 17: Dom Clemente José Carlos Isnard, osb (Bispo emérito de Nova Friburgo e vigário geral da Diocese de Duque de Caxias); Nuncio Apostólico Dom Lorenzo Baldisseri; Dom Mauro Morelli. 13/09/2004.	56
Figura 18: Presbitério da Catedral Santo Antônio - sede da Diocese de Duque de Caxias, 2024.	58
Figura 19: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.	60
Figura 20: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.	60
Figura 21: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.	61
Figura 22: Fonte Batismal da Catedral Santo Antônio, Duque de Caxias, 23 de nov. 2024.	62
Figura 23: Cátedra da Diocese de Duque de Caxias, 2024.	64
Figura 24: Aspersão do altar, das colunas e do povo, pelo Padre Renato Gentile (pároco da catedral e vigário Geral da Diocese), 2011.	66
Figura 25: Deposição das relíquias de São Frei Galvão no altar da Catedral de Santo Antônio, Duque de Caxias, 2011.	66
Figura 26: Unção do óleo das cruzes nas colunas da Catedral de Santo Antônio, por Dom José Francisco, segundo bispo da Diocese de Duque de Caxias, 2011.	67
Figura 27: Incensação do Altar, no Rito de Dedicção de um altar, na Catedral Santo Antônio, Duque de Caxias, 2011.	67
Figura 28: Vestíbulo da Capela Batismo do Senhor, Duque de Caxias, 2024.	70
Figura 29: Nave da Capela Batismo do Senhor, 2024	70
Figura 30: Padre Domingos Ormonde batizando uma criança na fonte batismal da Capela Batismo do Senhor, 2024	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO HISTÓRICO	16
2 ARTE POPULAR PARA UMA IGREJA POPULAR	27
2.1 Começo da Igreja Popular Duquecaxiense	27
2.2 Arte Popular e Irmã Claudia Schmid	31
2.3 Dom Mauro e o Projeto de uma Nova Igreja	36
2.4 Arte Popular Sacra	41
2.5 O 7º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base	44
3. QUE TODOS SEJAM UM	51
3.1 A comunhão do projeto de Igreja e a arte de padre Domingos Ormonde	51
3.2 A Catedral Santo Antônio e o Rito de Dedicção do Altar	56
3.3 Capela Batismo do Senhor	69
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Ao percorrer a história da arte da Diocese de Duque de Caxias,¹ fundada em 1981, bem como sua identidade cultural e religiosa, abordar-se-á neste trabalho a regeneração do projeto de uma nova Igreja na Baixada Fluminense a partir de sua produção artística. A partir do diálogo com autores como Padre Theóphilo Mattos e Ercília de Oliveira, que falam sobre uma “Nova Igreja” e um “Projeto de Igreja”, respectivamente, referindo-se sempre a esse território diocesano, pensa-se o projeto artístico de uma nova Igreja.

Assim, este estudo concentrar-se-á em objetos artísticos e nos artistas que moldaram a trajetória dessa Diocese, em sua gênese. Além dos diálogos com os autores já citados, há também outras autoras como Elaine de Gusmão e Tania de Almeida, além dos trabalhos de Irmã Claudia Schmid e Padre Domingos Ormonde, artistas conhecidos como artesãos, muitas vezes relegados à arte de segunda categoria. Nesse sentido, observar-se-á como a arte, muitas vezes considerada de menor importância, tem o potencial de redefinir a história; como essas obras têm também o poder de transverter a narração dos preceitos vigentes das artes no território diocesano em questão, de fazer uma nova criação, de regenerar.² Contudo, vale destacar que, embora existam muitos artistas desconhecidos em nossa Diocese, devido ao recorte do trabalho, o foco recairá sobre aqueles mencionados, cujas contribuições foram e continuam sendo fundamentais para a arte sacra local.

A *eclesiogênese*³ da Igreja, localizada no território dos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti, tem suas raízes no encontro entre a realidade local e a vivência religiosa de sua população. Essa Igreja surge de uma esperança ativa, que busca transformação tanto nas condições de vida quanto no relacionamento pastoral do clero com as comunidades. Trata-se de um movimento que ultrapassa a mera institucionalização, respondendo ao anseio do povo por um acompanhamento mais próximo e efetivo. Leonardo Boff expressa essa renovação ao afirmar: “Para vinho novo, odres novos, para música nova, novos ouvidos” (Boff, 2008, p. 11). Assim, pensar a criação da Diocese sob a ótica da esperança implica reconhecer que ela nasce da fé vivida e alimentada pelas bases da Igreja e da sociedade. É um processo que não apenas

¹ Diocese, também chamada de “Igreja particular”, é uma circunscrição territorial da Igreja Católica Apostólica Romana. No caso, a Diocese de Duque de Caxias compreende os territórios dos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti.

² Regenerar vem do conceito grego *palingenesia* (Chaves, 2016), que significa renascimento ou a recriação; no contexto religioso é o processo pelo qual, de forma individual, as pessoas voltam para o Pai, como filhos, no fim dos tempos, e se dá um novo retorno à primeira criação.

³ “representa um programa da Igreja: *Eclesiogênese*: a reinvenção da Igreja. Essa reinvenção é feita não a partir da criatividade dos escritores dos teólogos, dos padres e dos bispos, mas a partir das Comunidades Eclesiais de Base.” (Boff, 2008, p. 11).

responde a um chamado pontifício, como o do Papa Francisco para o Jubileu de 2025 — que convida a Igreja a ser um sinal de esperança no mundo contemporâneo —, mas também reflete um compromisso essencial com a própria essência da vida cristã. A Diocese de Duque de Caxias brota, primeiramente, do coração esperançoso do povo.

Esse povo, em suas comunidades, não apenas espera por mudanças, mas participa ativamente na construção de uma Igreja que atende aos desafios locais. A proposta de ser “Peregrinos da Esperança”⁴ não é algo novo para essa Igreja, mas uma continuidade de sua própria gênese. Desde sua fundação, a Diocese carrega a missão de ser uma resposta viva à fé e às necessidades de seu território. Esse ideal de uma “Igreja da esperança”⁵, ou uma Igreja que nasce da esperança, não se limita a ser uma adaptação ao tempo presente, mas é um testemunho de que a transformação e a renovação eclesial são inseparáveis da história de sua criação. É, sobretudo, uma Igreja que se enraíza na esperança e se projeta para o futuro, sem perder de vista sua origem e sua missão de servir ao povo.

Alinhando todas as percepções supracitadas ao funeral de Dom Mauro Morelli, ocorrido dia 09 de outubro de 2023, na Catedral de Santo Antônio, deu-se a escolha deste tema de pesquisa, quando da percepção de que, como um agente atuante daquela Igreja, que me formou desde muito novo, tenho um compromisso de retribuir. Sempre percebi de forma consciente que minha Diocese era diferente de todas as outras, seja pela falta de recursos, ou por ações individuais, ou por ações do clero de forma particular e por ser a Diocese mais nova do estado do Rio de Janeiro. Tudo isso estava enraizado numa fé de testemunho batismal dos leigos,⁶ ensinado por Dom Mauro Morelli. Percebi, então, que existe uma visualidade a ser estudada, um projeto de Igreja que de forma proposital cria uma estética visual.

Nesse sentido, a relevância dos questionamentos que orientam esta pesquisa atinge seu cume na seguinte inquietação: como a produção artística, especialmente as expressões de

⁴ A cada 25 anos a Igreja católica vive um jubileu, ou ano santo, cujo tema é escolhido pelo papa. O Jubileu 2025, intitulado ‘Peregrinos da esperança’, será um tempo de celebração e de profunda reflexão. O também chamado ‘Ano Santo’ não é somente uma etapa no caminho da fé, mas é um chamado a reconhecer a Cristo no dia a dia. (Vatican News, 2023).

⁵ O conceito de “Igreja da Esperança” é associado a uma visão de Igreja que se constrói a partir da confiança no futuro e na transformação, refletindo uma espiritualidade que vai além das estruturas institucionais tradicionais. Essa ideia está profundamente ligada à perspectiva de uma Igreja comprometida com a justiça social, a dignidade humana e a luta contra as desigualdades, sendo um espaço de acolhimento, libertação e renovação contínua. A “Igreja da Esperança” manifesta-se também como um ambiente de resistência e de promoção de uma fé viva, que inspira e fortalece a comunidade a seguir em frente, mesmo diante das adversidades. Ela é entendida como uma Igreja inclusiva, que caminha com os pobres, os marginalizados e os oprimidos, oferecendo não só uma dimensão espiritual, mas também prática e política, rumo à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

⁶ No senso comum, são denominados ‘leigos’ aqueles que não fazem parte do clero da Igreja. No entanto, a palavra tem um significado mais profundo. Derivado do grego ‘laós’, ‘povo’, tem a ver com o Povo de Deus que, por meio do batismo, compartilha o múnus (do latim, ‘munus’, presente que se oferece, cargo, função) de Jesus Cristo, sendo sacerdote, profeta e rei.

figuras emblemáticas, como Irmã Cláudia e Padre Domingos, contribuiu para moldar a identidade da Diocese de Duque de Caxias ao longo das décadas estudadas, e de que forma essa estética artística influenciou a compreensão e implementação de um Projeto estético de uma nova Igreja? A partir disso, objetiva-se interpretar a produção artística da Diocese de Duque de Caxias, oferecendo uma análise aprofundada das expressões artísticas que contribuíram para moldar a identidade diocesana ao longo de sua história.

Para tanto, contar-se-á a trajetória da Diocese, criada em 1980, por meio de seus objetos de arte, regenerando sua coesão diocesana e destacando o papel dessas produções no fortalecimento da relação entre fé e cultura. Além disso, buscar-se-á compreender o contexto histórico, econômico, cultural e artístico de sua fundação, analisar a linguagem plástica, iconografia e os sentidos bíblico-teológicos dos objetos artísticos selecionados e investigar a situação contemporânea da arte na comunidade religiosa, bem como sua interação com os fiéis no presente. Assim, esta monografia está estruturada em três capítulos principais, cada um abordando aspectos centrais da Diocese de Duque de Caxias e seu patrimônio artístico e religioso.

O primeiro capítulo examina o contexto histórico anterior à fundação da Diocese, destacando as obras arquitetônicas, objetos sacros e indumentárias que ajudaram a moldar a base sobre a qual a Diocese seria construída. O segundo capítulo foca na celebração do jubileu de 25 anos da Diocese, explorando a publicação do livro "História de uma Nova Igreja", que reflete sobre a história e os desafios enfrentados pela Diocese, com ênfase na atuação de bispos como Dom Clemente Isnard e Dom Mauro Morelli e na influência do Concílio Vaticano II.⁷ O capítulo também aborda a importância dos projetos sinodais e a visão pastoral de Dom Mauro, incluindo a relevância da arte na Diocese, como exemplificado pelo brasão com o símbolo do Cordeiro Imolado, e pela participação ativa da comunidade nas práticas eclesiais. O terceiro capítulo trata da reforma litúrgica pós-Concílio Vaticano II, com ênfase na renovação do altar da Catedral Santo Antônio e na importância da preservação do patrimônio histórico da Diocese, conforme discutido no livro "Patrimônio da Fé". Além disso, reflete-se sobre o impacto da nova administração eclesiástica nas práticas litúrgicas e no engajamento social da Diocese, destacando sua importância histórica e cultural para a Baixada Fluminense.

⁷ O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, foi um marco na história da Igreja Católica, promovendo uma renovação pastoral e litúrgica. Sob a presidência do Papa João XXIII e continuado por Paulo VI, o concílio visou adaptar a Igreja à modernidade, enfatizando a participação dos leigos, a reforma da liturgia (incluindo o uso das línguas vernaculares nas missas) e o diálogo com outras religiões. Destacou a importância da liberdade religiosa, da dignidade humana e da reconciliação ecumênica. Essas mudanças refletiram a busca por uma Igreja mais inclusiva, acessível e em sintonia com os desafios sociais e culturais da época.

Como base teórica, utilizar-se-á o conceito de Estética, ramo da Filosofia. A Estética dedica-se ao estudo da percepção sensorial e da apreciação da beleza, abrangendo tanto a arte quanto a natureza. A disciplina investiga questões relacionadas à experiência estética, ao gosto, à criação artística e ao julgamento estético; é “uma forma vivida” (Danto, 2015, p. 3). Nesse sentido, a estética busca compreender o que é considerado belo, como essas percepções variam entre culturas e indivíduos, e de que maneira a arte e outras formas de expressão estética influenciam as emoções e a compreensão do mundo.

Além de seu campo filosófico, o termo "estética" é usado para descrever características visuais, sensoriais ou formais que definem a beleza ou a aparência de algo, como em "estética arquitetônica" ou "estética de design". No presente trabalho, "estética" refere-se à abordagem visual, cultural e artística aplicada à construção de uma "Nova Igreja" na Diocese de Duque de Caxias. A análise destaca como a estética desempenha um papel central na configuração da identidade diocesana ao longo do tempo, moldando práticas pastorais, celebrações litúrgicas e respostas a desafios sociais. O estudo também observará como mudanças no episcopado e nas abordagens pastorais podem ter influenciado a estética da Diocese, questionando a continuidade ou adaptação de um projeto pedagógico e religioso de evangelização. Assim, esta pesquisa examinará a estética vinculada à prática e à identidade visual de um novo projeto de Igreja, buscando compreender sua relevância na consolidação de uma visão diocesana renovada e esperançosa.

No contexto teológico e eclesiológico, a distinção entre “Igreja” e “igreja” é fundamental. Com letra maiúscula, “Igreja” refere-se à comunidade dos fiéis, o Povo de Deus reunido em comunhão e missão, como descrito no Concílio Vaticano II na constituição *Lumen Gentium* (1964). Ela transcende o espaço físico, sendo o corpo místico de Cristo, guiado pelo Espírito Santo. Já “igreja”, com letra minúscula, designa o templo físico em que a comunidade celebra os sacramentos e vive sua fé. Essa diferenciação destaca que a Igreja é viva e orgânica, composta por pessoas que, unidas pela fé, são chamadas a transformar o mundo, enquanto a igreja é o espaço que acolhe e sustenta essa vivência espiritual.

A pesquisa sobre a produção artística na Diocese de Duque de Caxias, realizada entre o período de 1980 a 2024, justifica-se pela busca de compreensão do impacto dessa expressão artística na construção da identidade diocesana. Com foco nessa estética de um novo projeto de Igreja e nas contribuições de figuras artísticas, a pesquisa explora como a arte se torna um veículo de resistência. A abordagem interdisciplinar, analisando objetos artísticos, livros, artigos, jornal local e entrevistas, oferece uma visão aprofundada sobre as expressões artísticas que moldaram a identidade da Diocese, fortalecendo a coesão diocesana e promovendo a

percepção da identidade cultural e religiosa local. Contar a história a partir da arte traz um novo ponto de vista, extremamente importante.

Para compreender a construção de uma identidade, é relevante destacar que, por meio da arte, busca-se entender o projeto de Igreja, que se reflete em ações que, por sua vez, culminam na produção artística. Assim, essas ações transformam-se em imagens, e essas imagens tornam-se a visualidade da identidade e do projeto de uma nova Igreja. Portanto, o projeto artístico dessa Nova Igreja não é apenas um reflexo das ações realizadas, mas uma expressão visual concreta de sua identidade e dos ideais que a sustentam.

A metodologia incluiu a análise de objetos artísticos criados por Irmã Claudia ao longo de grandes eventos diocesanos, como painéis, convites e capas de subsídios, assim como obras de Padre Domingos em desenhos, paramentos e espaços litúrgicos, que estão presentes nos eventos e espaços diocesanos. Além disso, foram analisados livros elaborados pela Diocese, que foram produzidos de forma pedagógica no auxílio pastoral para ajudar na compreensão da história e seus patrimônios culturais arquitetônicos. Também foram examinados um artigo da revista Pilares da história de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, revista da Câmara Municipal de Duque de Caxias, escrito por Ercília de Oliveira (2006), edições do Jornal Pilar, jornal diocesano que relata a vida da população católica no território diocesano, e, finalmente, entrevistas com personagens atuantes na vida da Igreja, que ajudaram a pensar e propagar o projeto de uma nova Igreja.

Ao revisitar a rica história da arte da Diocese de Duque de Caxias, os passos dados são marcados pela resistência, nas expressões artísticas que transcendem, em sua sensibilidade infundida no território. No contexto desta investigação, a estética revelou-se uma linguagem poderosa, moldando a identidade diocesana de maneiras surpreendentes. Contemplar o legado de produções marcantes despertou uma profunda compreensão da interseção entre arte — referente a toda confecção desses artistas, sendo o prisma central da pesquisa —, fé — a subjetividade da relação humana com o Sagrado, fundamentalmente dos membros da Igreja particular de Duque de Caxias, que culmina na comunidade — e comunidade. Na pesquisa que se segue, mergulhar-se-á nas contribuições fundamentais de autores que iluminaram o entendimento desse cenário único, de um catolicismo descolonizado,⁸ que se prepara para

⁸ Neste contexto, a descolonização é um processo que visa libertar a produção artística e as ações pastorais das limitações impostas pela episteme eurocêntrica. Alessandra Gonzales de Carvalho Seixlack (2024) destaca que a descolonização é essencial para desmontar as concepções coloniais que marginalizam saberes periféricos, promovendo uma valorização e reconhecimento de práticas historicamente silenciadas, propondo uma ruptura com as epistemologias dominantes para construir um novo entendimento da realidade.

desvendar as nuances, perspectivas e debates que enriqueceram o diálogo sobre a arte, identidade e resistência na Igreja particular de Duque de Caxias.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

A história da Diocese de Duque de Caxias tem início em 11 de outubro de 1980, com sua criação pela Bula *Qui Divino Concílio*, emitida pelo Papa João Paulo II, sendo oficialmente instalada em 12 de julho de 1981. Esta Igreja particular, ainda jovem e de proporções modestas, abrangia os municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti, contando com 97 capelas, 27 sacerdotes – dos quais apenas dois eram originários da região – e uma população de aproximadamente um milhão e cem mil pessoas. Dentre as edificações religiosas, destaca-se a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, santa padroeira da Diocese de Duque de Caxias, construída durante o segundo período do Barroco no Brasil, datada entre 1640 e 1763, de acordo com o arquiteto e restaurador Benedito Lima de Toledo (2015).

Neste capítulo abordar-se-á a ocupação e a expansão da fé no território que hoje compõe a Diocese de Duque de Caxias, compreendendo o contexto histórico anterior à sua criação formal. A análise concentra-se no vasto acervo de obras artísticas e arquitetônicas presentes na região. Tais patrimônios são essenciais para a compreensão do percurso seguido pela Igreja diocesana de Duque de Caxias, desde as suas raízes coloniais até a sua ereção⁹ em 1981. O estudo dessas obras possibilita a identificação de marcos históricos e culturais que influenciaram o desenvolvimento religioso da região. A título de exemplo, conforme afirma Elaine Gusmão, “a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, apesar de sua construção do templo ter sido iniciada provavelmente em 1696, teve a sua decoração interna realizada ao longo do século XVIII e finalizada no início do século XIX” (Gusmão, 2023, p. 59). Esse processo contínuo de construção e ornamentação reflete a importância histórica e artística do templo, cuja preservação ao longo dos séculos ilustra a profundidade da devoção popular e o compromisso da comunidade local com o seu patrimônio religioso.

Neste trabalho, a Baixada Fluminense é entendida como uma região com características geográficas, sociais e históricas que influenciam diretamente a formação da identidade e das práticas religiosas, em especial na Diocese de Duque de Caxias. A autora Tania Amaro (2020) destaca que a denominação “Baixada Fluminense” pode se referir a uma área mais próxima ao entorno da Baía de Guanabara ou a uma extensão que abrange municípios mais distantes, dependendo do contexto da pesquisa. Esse conceito, portanto, varia de acordo com a ótica do observador e com os objetivos das investigações acadêmicas ou políticas públicas. No caso da Diocese de Duque de Caxias, a criação da Igreja local está profundamente ligada às questões

⁹ O termo “ereção”, de erigir, diz respeito à criação formal de uma diocese ou de uma paróquia.

sociais e territoriais da Baixada, como a violência, a falta de saneamento e a pobreza. O recorte da Baixada, como território delimitado, é fundamental para entender as especificidades da ação pastoral da Igreja e as respostas dadas às demandas dessa comunidade, refletindo não apenas um fenômeno geográfico, mas também um contexto social marcado por desigualdades que exigem um olhar atento e adaptado à realidade do território.

Antes da criação da Diocese de Duque de Caxias, a presença Católica Apostólica Romana na Baixada Fluminense estava vinculada a diversas dioceses, refletindo o processo histórico de reorganização eclesial da Igreja Católica no Brasil. A primeira instância administrativa da região remonta à criação da Diocese de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, em 1551, por meio da bula *Super specula militantis ecclesiae*, do Papa Júlio III. Essa Diocese, a mais antiga do Brasil, desmembrada da Diocese de Funchal, em Portugal, exercia influência sobre grande parte do território colonial, incluindo o território que conhecemos hoje como Baixada Fluminense. No dia 19 de julho de 1575 foi criada a Prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro, que até então era subordinada ao Bispado de São Salvador, foi elevada à condição de Diocese, em 1676, através da bula *Romani pontifici pastoralis sollicitudo*, do Papa Inocêncio XI. Tal ato estabeleceu uma base mais sólida para a organização eclesial no Rio de Janeiro e áreas adjacentes.

A criação da Diocese de Niterói, em 1892, pela bula *Ad universas orbis ecclesias*, do Papa Leão XIII, representou outro momento de reconfiguração eclesial, com o desmembramento do território da Diocese do Rio de Janeiro. Posteriormente, a Diocese de Barra do Pirai foi criada, em 1922; mais tarde, junto com a Companhia Siderúrgica Nacional, foi chamada de Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda, contribuindo, assim, para a organização eclesial da região. Nessa configuração, o território da Baixada Fluminense ficou sob a jurisdição de Dom Guilherme Müller (1877-1935), bispo de Barra do Pirai, conforme estabelecido pela bula *Ad supremum apostolicae sedis*, do Papa Pio XI. Mais tarde, em 1946, a Diocese de Petrópolis foi erigida pela bula *Pastoralis quaerquemur* do Papa Pio XII, desmembrando-se de Barra do Pirai e Niterói. Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, primeiro bispo de Petrópolis, ficou assim responsável pelo território de Duque de Caxias. O município de São João de Meriti, que se tornou município em 1947, permanecia sob a jurisdição da Diocese de Barra do Pirai.

Com a criação da Diocese de Nova Iguaçu, em 1960, pela bula *Quandoquidem verbis*, do Papa João XXIII, o território de São João de Meriti passou para sua jurisdição, alterando novamente a administração eclesial local. Até 1980, a Diocese de Petrópolis mantinha diversas instituições educacionais e religiosas em Duque de Caxias, como o Colégio Santo

Antônio, administrado pelas Irmãs Franciscanas de Dillingen, no centro da cidade, e o Colégio das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, em Xerém. Em São João de Meriti, a Diocese de Nova Iguaçu geria o Colégio Santa Maria, também administrado pelas Irmãs Franciscanas de Dillingen e a Casa da Criança Lar São José, administrado pelas irmãs Companhia Filhas da Caridade São Vicente de Paula. Essa configuração eclesial, anterior à criação da Diocese de Duque de Caxias, ilustra a ocupação territorial e pastoral da fé católica na região da Baixada Fluminense, reforçando o papel da Igreja como instituição fundamental na organização social e religiosa, além de sua atuação na educação e na caridade, por meio das congregações religiosas.

Figura 1: Igreja Nossa Senhora do Pilar de Duque de Caxias, 2023.



Fonte: Assessoria de Imprensa da Diocese de Duque de Caxias.

A Igreja de Nossa Senhora do Pilar é um importante símbolo de fé para a população de Duque de Caxias. Sua relevância transcende o âmbito religioso, refletindo também aspectos históricos e culturais profundamente enraizados na identidade local. Fundada no final do século XVII, como já se disse, a primeira construção possuía baixa durabilidade, devido à má qualidade dos materiais utilizados, o que motivou a edificação do templo atual. Além de sua

importância histórica, a Igreja também se destaca pela Romaria do Pilar,¹⁰ uma das expressões mais significativas da religiosidade católica em Duque de Caxias, que é um patrimônio imaterial da cidade, pelo Decreto Municipal nº 7284, de 8 de maio de 2019. Conforme ressalta Elaine de Gusmão:

Devemos destacar a importância da Igreja Nossa Senhora do Pilar do Iguassu, pois, por ser a matriz da freguesia, era responsável por todo o registro administrativo, além de características arquitetônicas no estilo barroco, pouco presente na região da Baixada Fluminense (Gusmão, 2019, p. 47).

A Freguesia de Nossa Senhora do Pilar foi estabelecida entre os anos de 1612 e 1629, período em que existia uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves, situada a aproximadamente sete quilômetros do Porto do Pilar. No entanto, quase dois séculos mais tarde, Monsenhor Pizarro (1753-1830) relatou que a matriz foi transferida para um local mais próximo do Porto do Pilar, fortalecendo sua centralidade religiosa e administrativa na região (Araújo, 1820). Catherine de Senne e Manoel Pires, seu marido, doaram um terreno onde já havia sido iniciada a construção de uma capela em 1697, ainda em sua fase inicial. A abertura do caminho do ouro, desempenhou um papel crucial para a construção da capela de Nossa Senhora do Pilar, caminho esse que ligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais, uma rota estabelecida por Garcia Rodrigues Paes no final do século XVII. Dessa forma, a antiga capela, inicialmente modesta, tornou-se um importante centro de riqueza durante o reinado, consolidando sua relevância tanto no contexto religioso quanto no econômico, refletindo o impacto da expansão colonial e das rotas comerciais na configuração da religiosidade local.

Muitas das capelas e igrejas da Diocese de Duque de Caxias, compreendidas como comunidades, demonstram que a edificação física por si só não basta para justificar sua existência. A verdadeira razão de ser dessas construções está enraizada no coletivo de pessoas que se organizam como comunidade de fé. Portanto, uma igreja, enquanto templo, só adquire pleno significado com a presença de um conjunto de fiéis que, reunidos, partilham da vida religiosa e comunitária. Os templos, formados antes da criação oficial da Diocese em 12 de julho de 1981, passaram a erguer, modificar e reformar suas edificações; criar comunidade. Só

¹⁰ A Romaria do Pilar, realizada anualmente na Diocese de Duque de Caxias, RJ, é uma importante manifestação de fé popular, marcada por grandes celebrações e peregrinações dos fiéis até a Igreja do Pilar, padroeira da cidade. Em 2023, a romaria celebrou sua 40ª edição, e em 2024, completou 41 anos, com o tema: “Com Maria, peregrina da esperança, caminhando juntos na missão, rumo ao Jubileu”. Este evento reforça a identidade religiosa da Diocese, promovendo a união da comunidade católica por meio da devoção a Nossa Senhora do Pilar. Configura-se como um espaço de reflexão, oração e reafirmação da fé, contribuindo para o fortalecimento da espiritualidade local e o engajamento na missão pastoral.

depois disso, houve a instalação do território eclesiástico da Igreja diocesana de Duque de Caxias.

A jovem Diocese herdou um vasto patrimônio composto por inúmeras obras, que incluem tanto construções arquitetônicas quanto objetos de arte sacra. Para compreendermos melhor esse legado, o presente estudo baseia-se no catálogo “Patrimônio de Fé: Diocese de Duque de Caxias” (2019), organizado por Elaine de Gusmão e Tania de Almeida. Esta obra serve como guia para o entendimento das localizações, datas de criação e restaurações das 17 igrejas destacadas no livro, evidenciando suas características artísticas e históricas.

A história dessas comunidades revela, em sua maioria, a ausência permanente do clero, já que a presença de padres e freis era esporádica e limitada. O protagonismo, portanto, recaiu sobre os leigos – e em sua maioria, mulheres – que desempenharam um papel central na vida devocional e no cuidado do patrimônio religioso.¹¹ A vitalidade e a permanência dessas capelas devem-se em grande parte ao trabalho incansável desses leigos, que atuaram como animadores da fé e da cultura comunitária, apesar da ausência constante do clero. No entanto, muitas vezes a história oficial dessas igrejas tende a privilegiar a passagem de padres e freis, ofuscando a atuação dos leigos. Esse enfoque, ainda que comum, não deve obstruir o reconhecimento da importância do trabalho laical na Diocese, tanto no período anterior à sua criação formal quanto nos anos subsequentes.

A história das 17 igrejas, proposta no catálogo “Patrimônio de Fé: Diocese de Duque de Caxias”, que compõem uma parte do acervo artístico da Diocese, é um dos pilares centrais para compreendermos a evolução e importância da cultura religiosa local. Essas igrejas não são apenas construções físicas; elas carregam significados profundos que refletem uma identidade religiosa enraizada no imaginário social da comunidade local. Cada templo, com suas particularidades estilísticas e arquitetônicas, conta uma parte dessa história, desde as influências coloniais até as adaptações contemporâneas que refletem mudanças no culto e nas práticas religiosas. Algumas dessas igrejas mantêm traços do barroco tardio, herança da colonização portuguesa, enquanto outras passaram por modificações significativas ao longo do tempo, assumindo características mais modernas. Essa diversidade de estilos, que vai além de preferências estéticas, ilustra a adaptação da arquitetura às necessidades litúrgicas e à disponibilidade de recursos em diferentes períodos históricos e gostos pessoais, revelando o papel fundamental dessas edificações no fortalecimento das tradições e na preservação da fé.

¹¹ O conceito de cuidado é diferente de preservação e salvaguarda, visto que não existe uma instituição colaboradora e os métodos usados por esses leigos no cuidado nem sempre foram adequados.

A Diocese de Duque de Caxias está subdividida em três grandes regiões pastorais: a Região Centro, a Região Periferia e a Região São João de Meriti. A organização do catálogo organizado por Elaine Gusmão e Tania Amaro facilita a compreensão do patrimônio histórico-religioso distribuído por essas áreas onde estão localizadas as capelas. Na Região Centro, as autoras começam com a Catedral de Santo Antônio, localizada no centro de Duque de Caxias, cuja inauguração data de 1939 pelo Bispo Dom José André Coimbra, da Diocese de Barra do Piraí. A catedral passou por uma significativa reforma interna na década de 1980, para uma nova adaptação litúrgica. Sua arquitetura externa é marcada pela presença de materiais naturais, conferindo uma estética orgânica ao templo. Em seguida, a Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Construída entre 1645 e 1648, localizada no bairro São Bento, antiga Fazenda São Bento de Iguaçu, na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, é um exemplo de “arquitetura de chão”. Contudo, a comunidade, conforme definido anteriormente, foi formalmente estabelecida apenas em 1986; tanto a capela quanto o casarão anexo são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sob o processo nº 564-T, inscrição nº 439, Livro Belas Artes, Fls. 86, 10 de junho de 1957.

A terceira igreja apresentada no catálogo da Região Centro é a Igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus, localizada no Parque Lafaiete. Sua construção original data de meados de 1650, porém a igreja passou por diversas reformas, incluindo o desabamento parcial de sua estrutura, tendo sido recuperada entre 1926 e 1930, quando foi reaberta à comunidade. Mantém uma arquitetura simples, típica da “arquitetura de chão”. No entanto, a comunidade foi oficialmente criada em 1952. Finalmente, a Igreja São João Batista, cuja fachada remete ao ano de 1927 (embora existam relatos de sua fundação em 1925), está situada próximo à estação de trem “Corte Oito”, no bairro homônimo. Mesmo com várias modificações ao longo do tempo, sua arquitetura original de linhas simples permanece preservada.

A Região Periferia abriga algumas das igrejas mais antigas da Diocese. A Igreja Nossa Senhora do Pilar, datada do fim do século XVIII, está localizada no bairro Pilar e é um importante exemplo de arquitetura barroca na Baixada Fluminense. A Capela Nossa Senhora do Rosário, construída entre 1743 e 1753, teve sua comunidade organizada somente em 1949 e está situada em Taquara. Sua arquitetura simples é também característica da “arquitetura de chão”. As ruínas da capela Santa Rita da Posse, cuja construção data de 1765, estão localizadas em Xerém, no bairro Vila Santa Alice, e seguem uma origem colonial simples. Na mesma localidade, há a Igreja Santa Rita de Cássia (1933), com sua arquitetura geometrizada e elementos que remetem ao *art déco*, e a Igreja Santa Rosa de Lima (1935); ambas as construções mantêm uma arquitetura simples e funcional.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, inaugurada em 1940, também em Xerém, destaca-se por sua simplicidade arquitetônica com elementos neogóticos. No bairro Imbariê, a Igreja Nossa Senhora da Estrela, cuja construção do altar data de 1930, ainda não possui data precisa de fundação, mas sua arquitetura básica é marcada por influências neogóticas e neorromânicas. Já em Saracuruna, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, cuja fundação original ocorreu em 1730, teve seu edifício atual concluído em 1952, mantendo uma arquitetura simples. A Capela de Santa Rita de Cássia, fundada em 1952, com sua comunidade estabelecida somente em 1962, está situada em Capivari e carrega as influências de uma arquitetura jesuítica despojada. Por fim, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, embora fundada oficialmente em 1940, possui relatos de existência desde a fundação da Cidade dos Meninos, em 1930, destacando-se pela simplicidade arquitetônica que remonta às primeiras construções coloniais.

Na Região São João de Meriti,¹² há a Igreja Matriz de São João Batista, reformada em 1950, mas cuja história remonta a 1647, com sua primeira construção. Localizada no centro de São João de Meriti, a igreja foi amplamente modificada para acomodar sua ampliação e apresenta um estilo eclético, incorporando elementos neoclássicos, neogóticos e neorromânicos. A Igreja São Sebastião, construída no início do século XX, teve sua comunidade fundada em 1926. Localizada no bairro Éden, sua arquitetura é simples, com influências neorromânicas. Por fim, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, inaugurada em 1949 em Agostinho Porto, segue um estilo arquitetônico clássico italiano, sendo um importante marco religioso e cultural na região.

¹² A primeira Igreja de São João foi erguida no atual bairro Parque Lafaiete, em Duque de Caxias, evidenciando o entrelaçamento histórico e territorial dos municípios que compõem a Diocese. Este fato reforça a relevância de delimitar o conceito de Baixada Fluminense, uma região com limites fluidos, mas marcada por sua identidade geográfica, social e cultural.

Figura 2: Altar-mor da Capela Nossa Senhora do Pilar, 2023.



Fonte: Assessoria de Imprensa da Diocese de Duque de Caxias.

Em suma, o trabalho das organizadoras Elaine Gusmão e Tania Amaro parte de uma questão estética e patrimonial, de interesse cultural religioso, que aborda a questão estética arquitetônica patrimonial em sua maioria, salvo algumas imagens e objetos das capelas. O livro traz um texto descritivo, com o objetivo de formar uma imagem clara do que está sendo descrito para o leitor, trazendo a importância das construções das capelas como um tesouro patrimonial das cidades de Duque de Caxias e São João de Meriti, de valor histórico e cultural. A obra foi idealizada pela Comissão Diocesana para os Bens Culturais e Artes Sacras, da qual as organizadoras fazem parte. Segundo o terceiro Bispo da Diocese de Duque de Caxias, Dom Tarcísio Nascentes dos Santos, a obra traz as “memórias de nossa fé católica” e conclui dizendo que

Esta publicação é mais um fruto dessas ações! Com o propósito de valorizar e difundir nossa rica história, aqui foram elencados os templos que revelam uma diversidade de estilos, abarcando múltiplas manifestações da nossa forma de expressar a fé. Esse privilégio que temos de traduzi-la nas imagens precisa ser preservado, e esta publicação surge em momento significativo para que vislumbremos nossos tesouros seculares e tenhamos admiração pelas lutas daqueles que construíram esse Patrimônio da Fé com o fim de perpetuarem sua devoção (Gusmão; Almeida, 2019, p. 03).

Ainda, no catálogo “Patrimônio de Fé: Diocese de Duque de Caxias”, no que diz respeito ao enfoque das construções dos templos e dos patrimônios arquitetônicos, as autoras

fazem uma profunda contextualização sobre a história da Diocese. Ao fim dessa contextualização, nos últimos parágrafos, é relatado sobre o período em que o município de Duque de Caxias esteve sob a Área de Segurança Nacional, época em que não havia prefeitos, mas interventores, nomeados pelo Governo Federal. Mesmo assim, com tamanha dificuldade financeira e social, a Igreja de Duque de Caxias, antes mesmo de sua criação, já tinha um clero comprometido com a população em reivindicações por melhores condições de vida, ou até mesmo fornecendo projetos de ajuda à sociedade que o próprio município não proporcionava, como, no caso da saúde, a criação de ambulatorios que atendiam à população local. Esses fatos colaboram no pensamento de uma Igreja que já se diferenciava do seu modelo petropolitano; e que tal perfil não foi uma novidade trazida com Dom Mauro Morelli, mas intensificada com sua presença. Segundo as autoras,

No período entre 1971 e 1985, Duque de Caxias foi considerado “Área de Segurança Nacional” e seus prefeitos eram interventores nomeados pelo Governo Federal. Os municípios viviam em extrema dificuldade financeira, falta de segurança, problemas administrativos e sociais. Membros do clero dessa área sempre se mantiveram presentes junto à população nas lutas sociais e, muitas vezes, estiveram envolvidos nos movimentos populares, em associação de moradores e sindicatos (Gusmão; Almeida, 2019, p. 07).

A Diocese sofria com falta de sacerdotes, e essa falta de padres diocesanos não era uma preocupação pastoral. Contudo, a vocação sacerdotal real e profética foi uma preocupação bem trabalhada em seu nível pastoral desde a gênese da história da Diocese. A vocação ordenada foi cuidada de forma interdiocesana com a criação do Seminário Interdiocesano São Paulo VI, com ajuda dos padres missionários da Diocese de Padova, Itália, e das congregações religiosas masculina e feminina, que animaram e ajudaram as comunidades. Essa informação corrobora para moldar a visão de um povo comprometido com o seu batismo, que tem consciência de ser o povo eleito, escolhido, o povo de Deus.

Na época da criação da Diocese, existiram no clero diocesano apenas dois sacerdotes locais, onze sacerdotes missionários estrangeiros (oito italianos, um holandês, um francês, um tcheco), dois brasileiros e doze religiosos franciscanos. Contava-se ainda com as presenças das congregações franciscanas das Irmãs Franciscanas de Dillingen, Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, Irmãs da Divina Vontade e as Irmãs Catequistas Franciscanas (Gusmão; Almeida, 2019, p. 07).

A pesquisa realizada pelas autoras serve como testemunho das memórias da fé católica, preservando não apenas o patrimônio arquitetônico, mas também o significado intrínseco dos

templos. Ainda hoje podemos destacar ações de uma preservação de bens culturais e arte sacra. Exemplo disso foi o I Seminário de Bens Culturais e Artes Sacras da Diocese de Duque de Caxias, realizado entre os dias 25 e 28 de setembro de 2024, que representou um marco significativo na valorização e preservação do patrimônio artístico e religioso da região.

Promovido pela Comissão de Bens Culturais e Artes Sacras da Diocese, o evento foi cuidadosamente pensado para fomentar uma reflexão profunda sobre o papel da arte sacra no contexto da fé católica, destacando tanto sua importância histórica quanto seu valor contemporâneo para a vida litúrgica e devocional dos fiéis. Em paralelo ao seminário, foi realizada uma Exposição de Artes Sacras, sob a curadoria de Elaine Gusmão e Tania Amaro, que teve como foco principal as esculturas sacras, ressaltando sua importância para a devoção popular na Baixada Fluminense. A exposição trouxe à tona discussões sobre a preservação e valorização da arte sacra, dividindo-se em subtemas que abrangiam três categorias principais: arte sacra popular e devocional particular, arte erudita e arte litúrgica. Essa divisão permitiu uma análise abrangente das diversas expressões artísticas presentes no território diocesano, desde as esculturas e objetos de devoção popular, muitas vezes de origem anônima, até obras de maior sofisticação técnica e estética, frequentemente utilizadas em celebrações litúrgicas mais formais.

Assim, no evento, a produção artística local foi contextualizada não apenas em termos de seu valor estético, mas também como uma forma de expressão cultural e religiosa profundamente enraizada na comunidade. As esculturas apresentadas evidenciaram não apenas o talento dos artífices, mas também a forma como essas representações visuais se tornaram ícones centrais na vivência da fé das comunidades. Cada escultura exposta carregava consigo uma história de devoção e identidade religiosa, sendo objetos de veneração e representações tangíveis da espiritualidade dos fiéis. A exposição e o seminário sublinharam a necessidade urgente de preservação desses bens culturais, visto que eles representam não apenas o patrimônio artístico da Diocese, mas também a memória coletiva e a espiritualidade de seus fiéis. Nesse contexto, a preservação das esculturas religiosas e demais objetos sacros não se limita ao campo estético ou histórico, mas envolve também uma dimensão pastoral e devocional, fundamental para a continuidade da vivência da fé.

Além disso, o evento propiciou um diálogo profícuo entre o acervo artístico local e outras tradições culturais brasileiras, que reflete a diversidade de expressões de fé na Baixada Fluminense. Essa interação entre arte, religião e cultura ressalta a riqueza simbólica do patrimônio diocesano e sua relevância para além das fronteiras eclesiais. Em conclusão, o I Seminário de Bens Culturais e Artes Sacras da Diocese de Duque de Caxias não apenas celebrou

a riqueza artística da região, mas também abriu um espaço essencial para o debate sobre a importância de preservar esses tesouros culturais. Ao destacar o valor pastoral, devocional e histórico da arte sacra, o evento reafirmou o compromisso da Diocese com a conservação e preservação de seu patrimônio e com a promoção de uma fé viva e dinâmica, sustentada pela tradição e pela arte. Urge, portanto, que ela tenha uma continuidade.

2 ARTE POPULAR PARA UMA IGREJA POPULAR

2.1 Começo da Igreja Popular Duquecaxiense

Padre Theóphilo Antônio da Rocha Mattos, no livro “História de uma Nova Igreja - Jubileu de Prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti”, publicado por ocasião da celebração do Jubileu¹³ em 12 de julho de 2006, comenta sobre a necessidade de criação da Diocese de Duque de Caxias, vontade essa que começou com Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu. Dentre os argumentos apresentados para a criação da Diocese, existem dois que são relevantes para a atual pesquisa, ao considerar as diferenças populacionais, ou melhor, as nossas particularidades religiosas que se diferenciavam da Diocese de Petrópolis.

Os argumentos apresentados para a criação da Diocese foram:

- A distância da região em relação ao centro da Diocese, localizado em Petrópolis;
- As diferenças entre as populações assistidas pela Diocese, em Petrópolis e na Baixada Fluminense;
- A Diocese de Nova Iguaçu atendia a uma população bastante numerosa, com poucos padres para cobrir toda a área de São João de Meriti;
- O desenvolvimento populacional, religioso, econômico, cultural e cívico da região de Duque de Caxias (Mattos, 2006, p. 23).

Após relatar os problemas para a criação da Diocese de Duque de Caxias, partimos para 12 de julho de 1981, quando ela é instalada, mirando a figura de Dom Mauro Morelli (1935-2023), nomeado primeiro bispo da recém-criada Diocese, anteriormente bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.

¹³ Comemoração dos 25 anos da fundação da Diocese de Duque de Caxias.

Figura 3: Posse do bispo Dom Mauro Morelli na Diocese de Duque de Caxias, 1981.

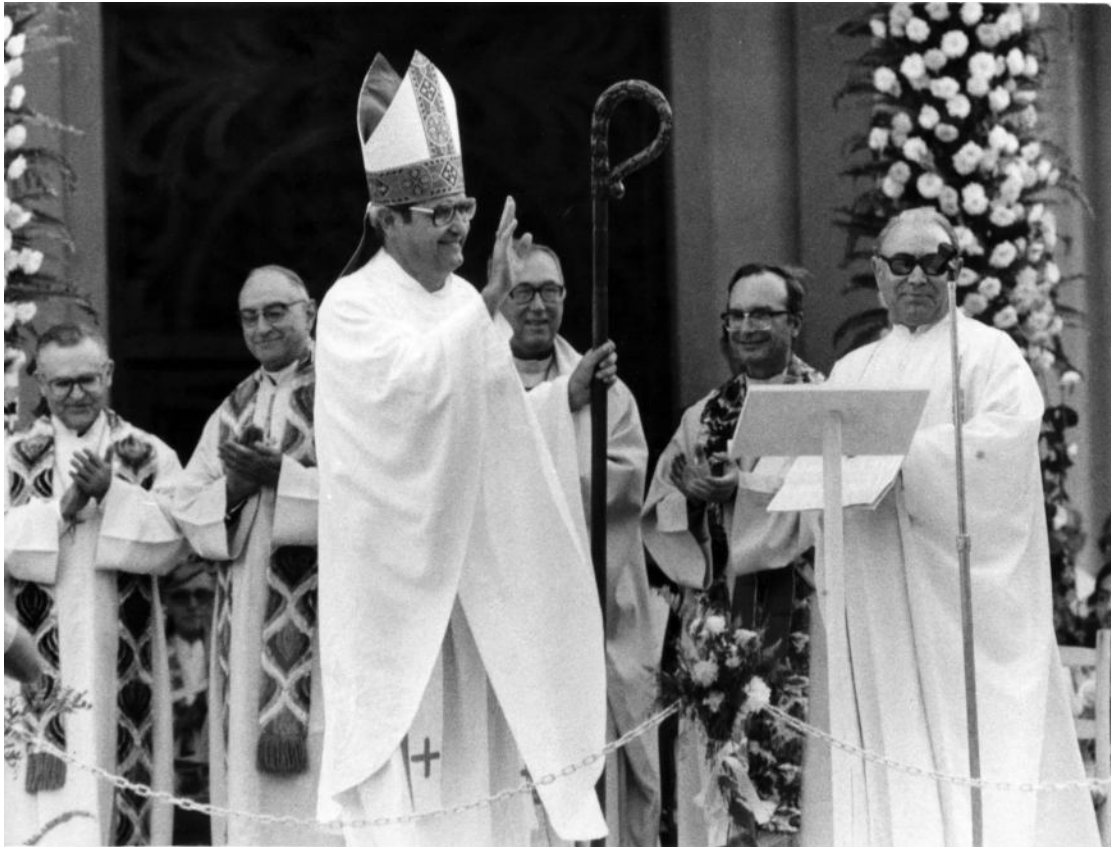


Foto: Jorge Peter / Agência O Globo.

Dom Mauro Morelli, nascido em 1935 em Avanhadava - SP, é uma figura proeminente na história da Igreja Católica no Brasil, reconhecido por seu compromisso com a justiça social, a defesa dos direitos humanos e o desenvolvimento de uma pastoral voltada às necessidades dos mais vulneráveis. Foi ordenado bispo em 1975, para o cargo de bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, exercendo a função de vigário-geral da Arquidiocese, antes de assumir a missão de organizar e liderar a recém-criada Diocese de Duque de Caxias, em 1980. Desde o início de seu episcopado, Dom Mauro demonstrou uma visão pastoral arrojada e uma profunda preocupação com a inclusão e a dignidade humana, abordando desafios como a pobreza, a violência e a desigualdade na região da Baixada Fluminense.

A atuação de Dom Mauro foi marcada pela promoção das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), incentivando uma Igreja de participação e proximidade com o povo, o que reforçou o papel social da Igreja na defesa dos oprimidos. Ele via na pastoral comunitária um meio de empoderamento das pessoas, de valorização eclesial do povo sacerdotal batizado, especialmente dos menos favorecidos, e buscava transformar a realidade social através de uma evangelização que não se limitava aos ritos litúrgicos, mas que se estendia às ações concretas

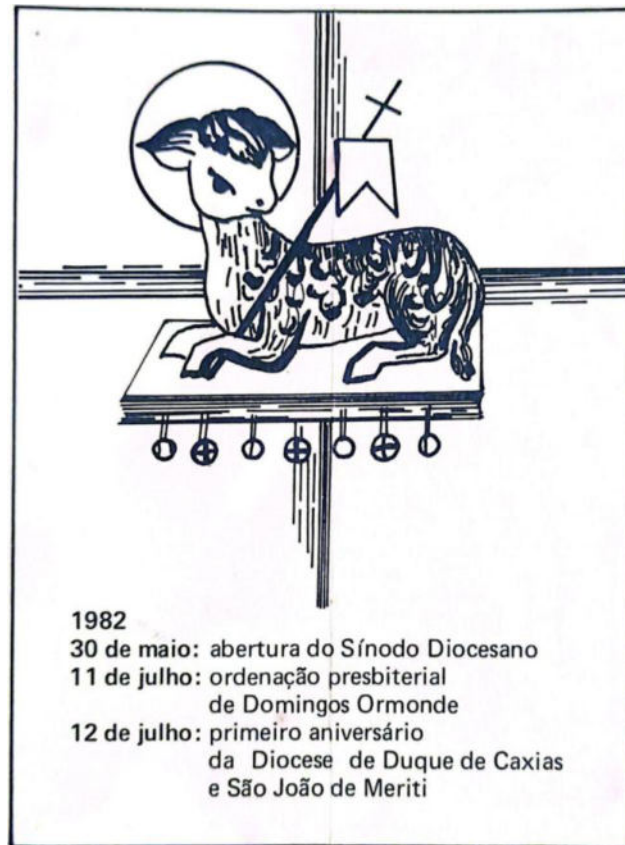
de solidariedade e inclusão. O trabalho com as CEBs e sua defesa intransigente dos direitos humanos estabeleceram sua reputação como um bispo comprometido com uma fé ativa e com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.¹⁴

Dom Mauro Morelli desempenhou um papel fundamental na promoção dos direitos humanos e no combate à fome no Brasil, paralelamente à sua missão pastoral. Durante o governo Itamar Franco, atuou como presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), contribuindo significativamente para projetos como o Fome Zero, o Mutirão contra a Desnutrição Materno Infantil e a Ação da Cidadania contra a Fome, esta última em colaboração com Hebert de Souza, o Betinho (Azevedo, 2023). Além disso, foi membro do Comitê Permanente de Nutrição da Organização das Nações Unidas (ONU), ocasião na qual abordou a questão da segurança alimentar como um direito humano essencial. Entre 1986 e 1990, participou de uma organização internacional de defesa dos direitos humanos presidida por Adolfo Pérez Esquivel, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1980. Foi também um dos fundadores do Movimento pela Ética na Política, reforçando seu compromisso com uma sociedade justa e igualitária (CNBB, 2023).

Embora não fizesse parte do brasão episcopal de Dom Mauro, a imagem do Cordeiro, desenhada em 1981 pela Irmã Claudia Schmid, tornou-se um símbolo extraoficial de sua missão pastoral. Diferentemente de um brasão tradicional, que segue regras específicas de heráldica eclesiástica, o Cordeiro foi criado com simplicidade e representa visualmente o compromisso espiritual de Dom Mauro com o serviço e a compaixão. No cristianismo, o Cordeiro de Deus é uma referência direta a Jesus Cristo, que, ao se sacrificar, traz redenção ao mundo (João 1,19-34). Dom Mauro incorporou esses valores em seu ministério, adotando uma postura de liderança servidora e de humildade no trabalho pastoral, refletindo o caráter sacrificial do Cordeiro em suas ações e atitudes. A escolha dessa imagem como representação de seu ministério tem um significado profundo: ela demonstra a preferência de Dom Mauro por uma liderança focada no serviço ao próximo, resgatando os ideais do Evangelho e alinhando-se com o carisma da Igreja voltada para a opção preferencial pelos pobres (Papa Francisco, 2020). O Cordeiro simboliza a doação e a entrega, valores que Dom Mauro cultivou ao longo de sua vida pastoral, sempre direcionando seus esforços para o bem-estar dos marginalizados.

¹⁴ cf. Jornal Pilar, Edição nº 399 - novembro de 2023.

Figura 4: Convite de Ordenação Sacerdotal do Padre Domingos Ormonde, 1982. Ilustrada pela Irmã Claudia Schmid.



Fonte: Acervo pessoal do Padre Domingos Ormonde.

A imagem do Cordeiro, criada em um estilo acessível e desvinculada das formalidades heráldicas, permite que sua mensagem seja facilmente compreendida por toda a comunidade. Este símbolo tornou-se uma poderosa representação visual da fé nos primeiros anos da Diocese de Duque de Caxias, evidenciando como a espiritualidade de Dom Mauro, centrada na caridade e na inclusão, ressoou com o povo e marcou profundamente a identidade da Diocese. A escolha de um símbolo tão universal e desprovido de elementos de luxo ou formalidades reflete o caráter pastoral de Dom Mauro: uma figura que, como o Cordeiro, se aproxima da simplicidade, sendo acessível a todos, especialmente àqueles em situação de vulnerabilidade.

A permanência dessa imagem na memória da Diocese destaca o impacto duradouro de Dom Mauro e seu legado pastoral e da visão de Igreja a ser construída. Em uma região marcada pela desigualdade social e pela violência, a imagem do Cordeiro transcende o papel de mera representação espiritual. O povo de Duque de Caxias e São João de Meriti, que conhecia de perto as adversidades e as injustiças, identificava-se profundamente com esse símbolo de simplicidade e sacrifício. Assim, o Cordeiro não pertence apenas a Dom Mauro; ele representa

o espírito dos primeiros anos da Igreja particular de Duque de Caxias e São João de Meriti, tornando-se um emblema compartilhado que une a comunidade em torno dos valores da fé.

2.2 Arte Popular e Irmã Claudia Schmid

Irmã Claudia Schmid, autora do brasão do Cordeiro de Dom Mauro, nasceu em 1914, na Baviera, Alemanha, e morreu em 2015, aos 101 anos de idade. Foi uma missionária da Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen que chegou ao Brasil em 1938. A irmã trouxe consigo um profundo compromisso com a fé e um talento artístico singular (IRFD/RJ, 2014). Sua trajetória na Diocese de Duque de Caxias ficou marcada não só pela dedicação pastoral, mas principalmente pelos seus desenhos e pinturas, que se tornaram uma ferramenta essencial de evangelização e comunicação religiosa.

Em um contexto de uma Diocese com altos índices de analfabetismo, como o registrado em 1980, quando mais de 16% da população de Duque de Caxias era analfabeta (TCE-RJ, 2024), a arte de Irmã Claudia cumpriu um papel fundamental. Seus desenhos simples, mas profundos, representavam uma linguagem visual acessível que transcendia as barreiras da alfabetização, permitindo que mesmo aqueles que não sabiam ler pudessem acessar e compreender as mensagens religiosas.¹⁵ Assim, sua obra não é vista como uma arte menor, mas como uma poderosa ferramenta de comunicação e expressão da religiosidade popular, reforçando a identidade e unidade diocesana.

Irmã Claudia foi homenageada em diversas ocasiões, como nas comemorações de seus 100 e 101 anos, lembrada pelo Bispo Dom Tarcísio como um marco importante para a história e espiritualidade da Diocese (Sendra, 2015). Seu trabalho também contribuiu para fortalecer as Comunidades Eclesiais de Base. Sua arte se tornava um símbolo de fé e resistência em tempos difíceis, enriquecendo a cultura religiosa local e ajudando a solidificar uma estética inaugural diocesana, que se enraizou no imaginário popular da região, visto que tais imagens são fruto de ações¹⁶ realizadas. Por isso, pode-se, com clareza e sem medo afirmar, defender que essas imagens representam a identidade e unidade diocesana.

¹⁵A arte religiosa surge com algumas intenções, e uma das principais intenções é a arte catequética, a educação através das imagens. As descrições detalhadas de objetos sagrados, como a Arca da Aliança, o Candelabro (Menorá) e as cortinas do Tabernáculo no Antigo Testamento (Êxodo 25–31), mostram como esses elementos eram catequéticos, ensinando a santidade de Deus e a relação do povo com Ele. As pinturas das catacumbas romanas (séculos II–IV) revelam o uso da arte como forma de ensinar a fé cristã. Imagens como o Bom Pastor, o Peixe (Ichthys) e cenas bíblicas eram símbolos catequéticos para cristãos perseguidos.

¹⁶Ações como: sínodos, aproximação ao povo a partir de visitas pastorais, discursos, ações junto aos trabalhadores e aos mais pobres, prática de escuta através de assembleias, rodas de conversa e discussões sobre a sociedade civil.

Figura 5: Cartaz de Ação de Graças pelos 101 anos da Irmã Claudia Schmid, 2015



Fonte: Site das irmãs franciscanas de Dillingen

Ainda nos primeiros anos de trabalho pastoral de Dom Mauro, já há muito conteúdo para ser estudado e analisado ao se pensar uma estética de um projeto de igreja, carregado de visualidade.

D. Mauro Morelli tinha pressa e um projeto incluindo vários sínodos. O primeiro foi do batismo, que foi lançado em 30 de maio de 1982, no domingo de Pentecostes, um momento forte na liturgia católica, onde se celebra a descida do Espírito Santo (Oliveira, 2006, p. 31).

Figura 6: Capa do Documento Final do Sínodo Diocesano do Batismo, 1986. Ilustrado por Irmã Claudia Schmid.



Fonte: Acervo pessoal do Padre Domingos Ormonde.

A cultura da sinodalidade e espiritualidade duquecaxiense chega no Vaticano em 2021, com a abertura do Sínodo dos bispos sobre a Sinodalidade, pelo Papa Francisco (Vatican News, 2021). É interessante notar, e parece incrivelmente impossível, que as falas de um bispo da Baixada Fluminense em 1982 sejam tão coerentes com as de Papa Francisco em 2023. A partir daqui, é possível fazer correlação entre a Vigília de Pentecostes diocesana, que deu início ao Sínodo sobre o batismo de 1982, e a sessão do Sínodo dos Bispos de 2023, em que a prática sinodal foi baseada na escuta do Espírito Santo que fala à Igreja. O sínodo da Igreja duquecaxiense, tendo recebido ajuda financeira da Arquidiocese de Colônia, foi um grande projeto ocorrido entre 1981-1986 que mirava um novo jeito de ser Igreja. O sínodo foi dividido em estudos, formações e conversas.

Sua primeira etapa foi a organização do batismo de adultos e crianças, com círculos bíblicos, assembleias comunitárias, paroquiais, regionais e diocesana. Essa forma de agir pôde

levar o Espírito a todos os âmbitos, da base até o topo,¹⁷ dando voz a todos e garantindo que todos fossem escutados.

O primeiro documento elaborado foi chamado “Batismo na Vida e Missão da Igreja” (1986).¹⁸ O batismo foi apresentado como fonte primeira de dignidade humana de batizado. É o sacramento que dá a dimensão da cidadania eclesial,¹⁹ que cresce na cultura religiosa popular de uma visão de Igreja não só de senhores, não só de padres, mas uma Igreja de irmãs e irmãos. Sobre isso, o Papa responde ainda a alguns cardeais, que precisam de um aparelho auditivo para o Espírito Santo: “Não é oportuno apoiar uma diferença de grau que implique considerar o sacerdócio comum dos fiéis como algo de segunda categoria ou de menor valor (um grau inferior). Ambas as formas de sacerdócio se iluminam e se amparam reciprocamente” (Vatican News, 2023). Assim o pontífice lembra que todos, pelo batismo, formam um povo sacerdotal.

A ilustração catequética apresentada pela Irmã Claudia (Figura 6) simboliza o sacramento do batismo no contexto do tema “Batismo na Vida e na Missão da Igreja”, vinculado à Diocese de Duque de Caxias. No centro da composição, uma figura humana, em postura reverente, inclina-se sobre um fluxo de água, gesticulando em direção à fonte com a mão. Esse gesto, que pode representar o ato de beber ou de tocar a água, sublinha a simbologia de purificação e renovação espiritual inerente ao batismo cristão. A água, que flui de uma rocha, remete ao relato bíblico em que Moisés extrai água da rocha para saciar a sede do povo (Êxodo 17,6), representando a dependência do ser humano de Deus e a ação divina sustentadora e transformadora da vida. O simbolismo da água como elemento de purificação e vida nova é central na iconografia cristã e na própria tradição sacramental do batismo. No topo da ilustração, uma figura circular amarela, que pode representar o sol, alude à iluminação e à vida divina procedente de Deus. Dentro do imaginário cristão, o sol é frequentemente uma metáfora para Cristo, que ilumina e guia a existência dos fiéis.

¹⁷ A estrutura piramidal da Igreja foi reorganizada por um projeto que promove uma perspectiva horizontal e missionária. Nesse modelo, a hierarquia deixa de ser compreendida como uma formação institucional rígida e centralizada, sendo substituída por uma visão que valoriza a diversidade de missões e a corresponsabilidade entre os membros, eliminando a ideia de uma hierarquia superior.

¹⁸ O sínodo do Batismo mostra que o cordeiro é o símbolo do povo, mas o símbolo da ação pastoral, ou melhor, o símbolo desse projeto de igreja se faz a partir do entendimento de uma teologia batismal, que entende todos como um só povo, sem hierarquia de missões, mas de um povo de discípulos em sua diversidade de missões.

¹⁹ A cidadania eclesial refere-se à participação ativa e consciente dos fiéis na vida da Igreja, baseada na corresponsabilidade e no reconhecimento de direitos e deveres no âmbito eclesial. Esse conceito valoriza o protagonismo dos leigos, a igualdade fundamental entre todos os batizados e a sua inserção em diferentes ministérios e serviços, em comunhão com a hierarquia. A cidadania eclesial é um reflexo da visão da Igreja como Povo de Deus, destacada pelo Concílio Vaticano II, e busca promover uma vivência comunitária marcada pela justiça, solidariedade e participação plena na missão evangelizadora.

A escolha de uma tipografia manuscrita e orgânica confere à mensagem um caráter acessível e popular, reforçando a conexão com um público amplo, mais voltado para a vivência comunitária do que para a leitura acadêmica. A mensagem sobre o batismo associa-se à vida cotidiana do fiel e à missão da Igreja, ressaltando o batismo como um ato de purificação, engajamento comunitário e compromisso espiritual. A imagem da capa do Sínodo do Batismo, criada para uma Diocese específica, reflete a prática religiosa popular e o valor atribuído à catequese em contextos locais.

Na Diocese de Duque de Caxias, há uma ênfase particular na formação de adultos que compreendam e vivenciem o batismo como elemento central de sua vida e missão na comunidade de fé. Projetada para promover uma reflexão contínua, a ilustração explora o batismo como um compromisso com a fé, em que o ato simbólico se torna um chamado à missão. A interação da figura com a água revela uma relação pessoal e íntima com o sagrado, incentivando a compreensão do batismo não apenas como rito, mas como um portal para uma vida transformada pela missão da Igreja.

Figura 7: Detalhe do Painel do Colégio Santa Clara em Santa Catarina.



Fonte: Site das irmãs franciscanas de Dillingen

Observa-se na imagem acima, no espaço direito, um detalhe do painel que reflete uma característica marcante no repertório artístico de Irmã Cláudia Schmid, um personagem bebendo da fonte. A imagem, que a artista reinterpreta no Colégio Santa Clara em Santa Catarina, revela a continuidade de uma semiótica visual²⁰ que se repete em suas obras. A

²⁰ A semiótica visual é a área da semiótica que se dedica ao estudo dos signos e símbolos presentes nas representações visuais, como imagens, objetos, cores e gestos, com o objetivo de compreender como esses

reprodução dessa imagem no Colégio Santa Clara, especificamente no contexto do documento final do Sínodo do Batismo, reforça a conexão entre a arte religiosa caxiense e o projeto de Igreja promovido pela Diocese de Duque de Caxias. Este achado evidencia a importância da iconografia utilizada por Irmã Cláudia como veículo de transmissão de valores espirituais, criando uma ponte entre diferentes espaços e comunidades de fé.

2.3 Dom Mauro e o Projeto de uma Nova Igreja

Como já visto, as diferenças sociais, econômicas e culturais dentro do território diocesano produziram uma particularidade religiosa na Baixada Fluminense, por fatores individuais vividos pelo município de Duque de Caxias durante a Ditadura Militar, como o alto nível de violência e pobreza e falta de assistência de políticas públicas.

Só no mês de março de 1980, foram registrados 98 casos de morte atribuídos a esses grupos na região e, ao final do ano, somavam 1.312 homicídios. A violência atingia principalmente a periferia, em regiões como Campos Elíseos e Imbariê (2º e 3º Distritos de Duque de Caxias). Em 1981, foi registrada uma média de três assassinatos por dia (Mattos, 2006, p. 99).

Tal cenário culminou num forte projeto de igrejas evangélicas nascendo nos territórios nos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti, além de padres missionários (estrangeiros) com grandes ações promovidas por leigos e leigas, como círculos bíblicos, novenas de Natal, visita às casas, catequese, em sua maioria encabeçadas por mulheres. Após a criação da Diocese, esses movimentos transformaram-se em comunidades. Exemplo disso é o ditado que se popularizou: “na década de 1980, ‘pipocou’²¹ comunidades” (Mattos, 2006). Esses argumentos de criação da Diocese são as fontes e a prova de que há uma religiosidade popular (leiga) forte no território da Diocese de Duque de Caxias. Diante de toda essa situação, é inevitável construir uma Igreja em defesa da vida do povo, sendo a Igreja que sempre foi.

Esse modelo de Igreja, próxima ao povo, era bem conhecido por Dom Mauro Morelli e por seu professor Dom Evaristo Arns, que foi seu arcebispo quando era bispo auxiliar de São Paulo, uma figura emblemática desse modelo de Igreja. Aprendeu também com as Conferências

elementos geram significados. Ela é fundamental para entender a forma como a visão e a percepção influenciam a comunicação em diversas áreas, como arte e religião.

²¹ Termo utilizado popularmente na época no território para designar o aumento do surgimento de novas comunidades católicas no território diocesano que abrange os municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti.

Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979),²² que mudaram a estética da Igreja para uma servidora da sociedade, “principalmente dos mais pobres e necessitados, exercendo uma missão profética de ser ‘a voz dos sem-voz’, defendendo, sobretudo, os direitos humanos” (Mattos, 2006, p. 99). Esse é o novo projeto de Igreja de que aqui se fala.

Quando Dom Mauro foi designado como o primeiro bispo de nossa recém-criada Diocese, deparou-se com uma Duque de Caxias imersa na crise da Fiat,²³ mesmo antes de sua posse. A cidade testemunhava uma greve dos operários da fábrica de automóveis em Xerém, que reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. Embora o Tribunal Regional do Trabalho tenha declarado a paralisação como ilegal, a Igreja optou por apoiar os operários. Isso se manifestou por meio de uma celebração ecumênica no Clube Piauí e uma campanha de arrecadação de mantimentos e doações para o fundo de greve, além de assistência jurídica. O manifesto de apoio contou com as assinaturas de Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, Dom Mauro Morelli, ainda não empossado como bispo de Duque de Caxias, Dom Paulo Aires, bispo metodista, Reverendo Mozart Noronha, pastor da igreja cristã renovada e Reverendo Carlos Cunha, pastor da igreja presbiteriana da Penha. A decisão de Dom Mauro, mesmo antes de sua posse, de se envolver na questão dos operários de Xerém, gerou uma imediata reação de Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra (1906-1999), bispo da Diocese de Petrópolis, que expressou sua objeção ao Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco (1912-1982), alegando que tal convocação era uma intromissão inadequada em uma Diocese à qual Dom Mauro ainda não pertencia oficialmente como bispo.

A nomeação de Dom Mauro como bispo da diocese recém-criada saiu no dia 25 de maio de 1981, contudo ele só tomou posse no dia 12 de julho, mesmo dia da ereção da Catedral Santo Antônio. Dom Mauro adotou como lema episcopal a frase do Apocalipse de João “Vem Senhor Jesus” (Apocalipse 22,20) e procurava, por meio da realização de sínodos diocesanos, fortalecer a participação de todos os fiéis na caminhada da Igreja.

²² Foram Conferências cruciais para a Igreja Católica na América Latina, refletindo a aplicação do Concílio Vaticano II ao contexto regional. Medellín enfatizou a opção preferencial pelos pobres, denunciando as desigualdades sociais e promovendo a justiça como parte central da evangelização. Puebla reafirmou essa perspectiva, aprofundando a visão de uma Igreja missionária e profética, comprometida com a transformação social e a dignidade humana, especialmente dos mais vulneráveis, como indígenas e trabalhadores. Ambas contribuíram para consolidar uma Igreja inserida nas realidades locais e defensora da justiça social.

²³ Antiga Fábrica Nacional de Motores (FNM).

Figura 8: Dom Mauro Morelli em ato ecumênico solidário à greve da Fiat, 1981.



Fonte: Otávio Magalhães / Agência O Globo.

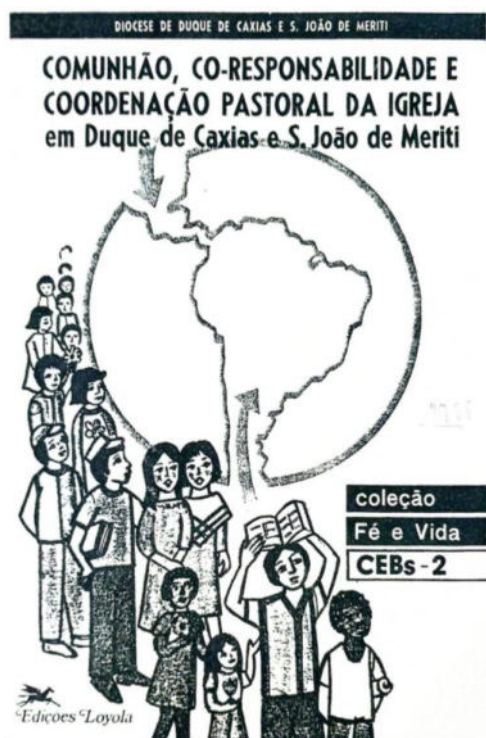
Sentimos a dor, a humilhação, a doença, a insegurança, a fome e a miséria que fazem de nossa Baixada um hospital sem leitos e sem médicos, um campo de concentração de trabalhadores que não gozam dos benefícios da riqueza produzida pelo suor de seu trabalho. Vivemos horas difíceis e as condições de vida se agravam e deterioram. Sentimos as consequências da loucura de um mundo e de modelos econômicos, sociais e políticos movidos pela ganância do dinheiro, do prazer e do poder, sugando as riquezas da terra de forma inescrupulosa e irresponsável e reduzindo milhões de seres humanos a condições vis de vida e de sobrevivência [...] Não é justo que a Baixada Fluminense continue a ser retrato de um país rico e de um povo empobrecido. Não é justo que continuemos a ser apresentados como reduto de marginais, quando, na verdade, somos um povo de migrantes forçados e escravos do Bezerro de Ouro. Bem verdade que, no nosso meio, se encontram chacais, abutres entregues ao prazer sórdido e vil de explorar nossa miséria através do comércio das drogas, do jogo e da prostituição (MORELLI, 1983, [s.p.]).

“Somos um cordeiro nas mãos de poderosos a sermos sacrificados”. Retorna-se, nesse sentido, ao Brasão do Cordeiro Imolado do Apocalipse, símbolo de nossa Igreja militante. Como já dito, o primeiro sínodo diocesano foi convocado por Dom Mauro Morelli no dia da Festa de Pentecostes de 1982, buscando entender “o Batismo como fonte de nossa dignidade,

de participação na vida da Igreja e da missão de evangelizar nosso povo e nosso tempo” (Mattos, 2006, p. 100). Somos um povo batizado. Na apresentação do documento, dizia Dom Mauro:

O Sínodo foi convocado e continua em longa caminhada, visando descobrir o nosso próprio rosto, definir o nosso modo de ser, afirmar nossos compromissos. Dizendo SIM ao Senhor da História, queremos ser uma Igreja de irmãos, uma presença nova do Cristo-Pastor na Baixada Fluminense. O batismo é o fundamento daquilo que somos: filhos de Deus e Igreja de Jesus. Durante três anos, procuramos descobrir o batismo como fonte de nossa dignidade, de participação na vida da Igreja e da missão de evangelizar o nosso povo e o nosso tempo (Morelli, 1986, p. 5).

Figura 9: Capa do Documento Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti, 1988.



Fonte: Acervo pessoal do Padre Domingos Ormonde.

A capa do documento pastoral da Diocese de Duque de Caxias, intitulado “Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti”, faz parte da coleção “Fé e Vida” das CEBs, publicada pelas Edições Loyola, e reflete simbolicamente o compromisso da Igreja com a inclusão e a participação comunitária. A imagem apresenta, ao centro, um contorno da América Latina, destacando o Brasil, envolto por um círculo que simboliza unidade e pertencimento. Este elemento central, rodeado por figuras humanas de variadas idades, etnias (negra e indígena) e características, reforça a ideia de uma Igreja plural e acolhedora, alinhada à visão das CEBs. As pessoas ao redor do mapa, dispostas de forma organizada e serena, carregam livros, sugerindo uma dimensão de instrução e

formação pastoral — aspectos essenciais no trabalho das CEBs de promover o acesso à Palavra de Deus e fortalecer a corresponsabilidade entre os fiéis. A disposição das figuras em torno do mapa reafirma a proposta de uma Igreja “com e para o povo”, contrapondo-se a uma estrutura exclusivamente hierárquica. Esse conceito se relaciona com o compromisso das CEBs com a Teologia da Libertação²⁴ e a justiça social, enfatizando uma vivência da fé enraizada nas realidades e desafios latino-americanos.

Queremos ser uma igreja de irmãos, uma presença nova do Cristo Pastor em nossa sofrida Baixada. Queremos ser uma igreja de Comunidades. Uma Igreja clerical ou laicizada não corresponde aos nossos anseios e aos apelos do Espírito; menos ainda poderá testemunhar a Ressurreição do Senhor e contribuir para a libertação do povo [...] A participação e a co-responsabilidade na vida da Igreja e na missão evangelizadora são consequências e exigência do Batismo e expressão de maturidade na fé. Fiéis e pastores, somos todos ministros e ministras do Evangelho na Igreja e no Mundo (Morelli, 1988, p. 2).

O destaque para o mapa ao centro da imagem representa a Igreja como parte do contexto cultural e social da América Latina, evidenciando que sua missão pastoral visa atender aos desafios e aspirações específicas da região. A representação visual sugere que o papel pastoral da Igreja deve se comprometer com as questões locais, promovendo ações de justiça e solidariedade. O título em letras maiúsculas e espaçadas transmite seriedade e autoridade, refletindo o compromisso pastoral da Igreja e seu envolvimento em uma missão compartilhada. Termos como “Comunhão”, “Co-responsabilidade” e “Coordenação” ressaltam o papel dos leigos como agentes ativos, comprometidos tanto com a fé quanto com o suporte e a organização comunitária. A capa, portanto, retrata uma visão de Igreja inclusiva, em que a corresponsabilidade não é apenas um conceito, mas um princípio fundamental na prática pastoral. Ela representa uma Igreja que valoriza a participação e a unidade de seus membros, conectada ao contexto social da América Latina e às necessidades de suas comunidades. A imagem reflete um modelo de Igreja popular e participativa, alinhada ao ideal das CEBs de fomentar o protagonismo laical e uma fé que se compromete com a realidade social. Com isso,

²⁴ A Teologia da Libertação, embora frequentemente associada a uma abordagem política, não pode ser reduzida a uma teologia política, dogmática ou exclusivamente pastoral. Ela se caracteriza como uma teologia essencial e primordialmente cristã, centrada na mensagem do Evangelho e na experiência de fé dos oprimidos. Sua principal preocupação é a liberdade humana, entendida não apenas como liberdade individual, mas como a liberdade de um povo que busca justiça social, dignidade e igualdade. A teologia da libertação propõe uma leitura das Escrituras e da tradição cristã a partir da realidade concreta dos marginalizados, colocando em evidência a opção preferencial pelos pobres e a luta contra as estruturas de opressão. Essa abordagem não nega o aspecto pastoral ou político, mas entende que a verdadeira libertação é antes de tudo um processo de conversão e transformação espiritual e ética, que se reflete nas práticas sociais e políticas da Igreja.

a capa apresenta a identidade das CEBs como expressão de uma Igreja em saída, dedicada a formar uma rede de apoio e transformação comunitária no Brasil e na América Latina.

2.4 Arte Popular Sacra

Para melhor pensar a arte popular²⁵ brasileira, utilizam-se os artigos e reflexões da Mostra do Redescobrimento, evento emblemático realizado em 2000 para os 500 anos da chegada dos portugueses ao território tupinambá. Com o tema “Arte Popular: Mostra do Redescobrimento – 500 é mais”, a mostra contou com curadoria de Nelson Aguilar e a participação de autores como Emanuel Araújo, responsável pela seção “Artistas e Artífices: ancestralidade, arcaísmos e permanências”. Esse espaço buscava introduzir os fundamentos estéticos da arte popular, valorizando a ancestralidade e os elementos arcaicos que permanecem na cultura brasileira. Contribuições de outros estudiosos, como Janete F. Costa, Flávio Motta e Jacques Van Beuque, oferecem uma base rica para compreender a estética popular brasileira, abordando como tradições visuais e artísticas resistem e se adaptam ao longo dos séculos, refletindo a identidade e o patrimônio cultural do país.

Religião: Tema que predomina em grande parte da produção nacional de arte popular, a religião é inspiração constante, direta ou indiretamente, para a criação plástica. Santos, presépios, passagens bíblicas, procissões, religiões africanas e seu sincretismo com a tradição católica, o culto aos orixás e todos os ritos da cultura iorubá são elementos fortemente representados pelos artistas populares brasileiros. (Beuque, 2000, p. 64)

A arte popular pode ser considerada a expressão mais genuína da cultura brasileira. Exemplos significativos incluem as obras já citadas da artista Irmã Claudia Schmid, do Instituto Religioso das Franciscanas de Dillingen, que são interpretadas como arte inaugural da Diocese de Duque de Caxias. Estas obras, além de representarem a arte genuinamente caxiense, retratam tanto as mazelas quanto as belezas da realidade local, como a pluralidade das etnias, o território, as fábricas e a pobreza. A autenticidade da arte reside na capacidade de observar o entorno e refletir essa realidade nas obras.

²⁵ O conceito de arte popular dentro da perspectiva de uma Igreja popular é frequentemente associado à valorização das expressões culturais e artísticas que emergem das comunidades marginalizadas e oprimidas, refletindo sua espiritualidade, suas lutas e sua vivência da fé. Autores como Dom Boaventura Kloppenburg, Aloísio Lorscheider, Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff conectam a arte popular ao compromisso pastoral com os pobres, enfatizando que ela não é apenas uma manifestação estética, mas também uma forma de resistência e anúncio do Reino de Deus.

As criações de Irmã Claudia foram concebidas sem a intenção de serem mercantilizadas ou de seguir um estilo artístico específico. Seu propósito principal era a evangelização, ao contrário de muitos objetos de arte popular, que frequentemente são reduzidos a meros itens decorativos. É por essa razão que as obras da artista têm relevância significativa na arte popular, mesmo diante da discordância de Emanuel Araújo, que argumenta que objetos religiosos ou utilitários não deveriam ter relevância como arte popular. Dentro desse contexto o autor diz:

Se tivéssemos que definir quando um objeto tem relevância como arte popular, deveríamos entender que ele é assim concebido quando foi criado por puro sentido estético do seu criador, sem que lhe atribuam, enquanto criação artística, um significado que escapa ao mundo cotidiano, como os objetos de cunho religioso (Araújo, 2000, p. 36).

Irmã Claudia é de origem alemã, contudo sua missão se dá em terras fluminenses onde, por motivos religiosos, amou o povo e o serviu perfeitamente com as suas obras, criando-as não por motivos mercadológicos, mas, ao contrário, por motivos talvez desconhecidos por uma sociedade individualista e egoísta, que é a gratuidade de uma vida entregue a servir ao próximo. A artista em questão é um exemplo do tipo de artista que Jacques Van de Beuque denominaria como artista anônimo (Beuque, 2000). Esse artista frequentemente se destaca em atividades comunitárias, mas sua inventividade emerge de maneiras variadas. Embora demonstrem expressividade criativa, essa habilidade não é transformada em uma ocupação formal. A participação desses artistas geralmente não exige habilidades manuais especializadas, e muitos deles provêm de segmentos socioeconômicos mais baixos, muitas vezes sem vínculo com uma profissão estável.

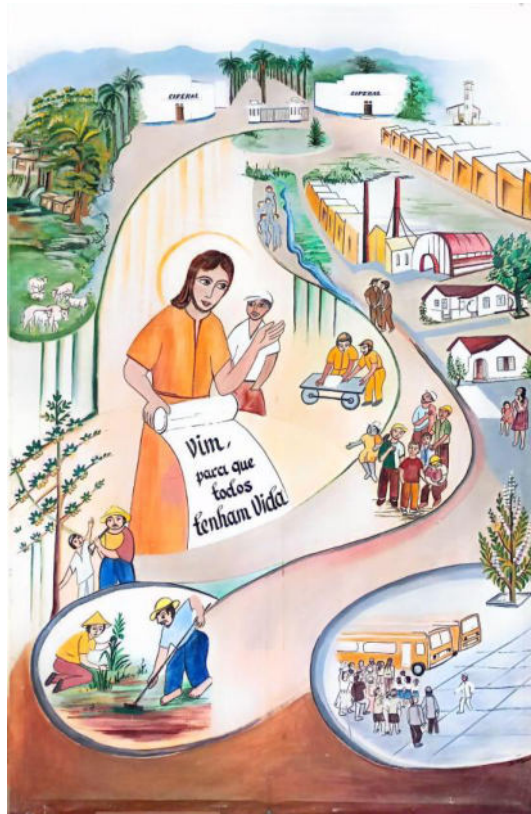
As obras dessa artista anônima, até mesmo na contemporaneidade da Diocese de Duque de Caxias, são consideradas uma arte popular inconformista,²⁶ uma expressão artística originada em movimentos populares, de raízes profundas em contexto comunitário, que reflete as vozes de segmentos marginalizados da sociedade; é caracterizada por sua forte identidade local e sua rejeição aos paradigmas coloniais. Suas obras emergem da cultura e da realidade da comunidade de Duque de Caxias, refletindo uma expressão artística genuína que vem do povo e é feita para o povo. Irmã Claudia se distancia das influências capitalistas e industriais, criando

²⁶ Uma arte popular inconformista, em sintonia com a ideia de uma Igreja popular, não se limita às abordagens tradicionais da arte popular dentro dos debates acadêmicos ou à perspectiva religiosa convencional. Ela desafia as noções preconcebidas sobre o trabalho e a vida, subvertendo as expectativas e rompendo com os padrões estabelecidos. Embora ainda compartilhe relações com as tradições, essa arte busca expressar uma visão mais crítica e transformadora, alinhada com os princípios de uma arte, e de uma Igreja, voltada para os oprimidos e a luta por justiça social.

uma arte que é tanto uma celebração quanto uma crítica das condições locais. Sua apropriação de imagens e temas da América Latina e do Brasil contribui para a formação de uma identidade visual única na região. Esse enfoque local e popular desafia os padrões estilísticos tradicionais, levando alguns a caracterizar suas obras como arte moderna (Aguilar, 2000). Além disso, as criações de Irmã Claudia refletem os hábitos e as aspirações de um grupo socialmente marginalizado que busca, através da arte, um novo projeto de Igreja e uma nova forma de estar no mundo.

A arte popular sacra, como exemplificada nas obras de Irmã Claudia Schmid, traz em si as marcas de uma criação profundamente enraizada nos sentidos espirituais. Essas obras servem aos ritos religiosos e colaboram com a vida pastoral da igreja, abrangendo todas as celebrações da vida que possam ser evocadas por meio da arte. Elas criam uma continuidade e transitividade do sagrado ao profano, desafiando a noção de que esse estilo de arte não tem lugar no plano sagrado. Como diz Emanuel Araújo (2000, p. 44), “essas manifestações têm como característica essencial o espírito festivo que as anima e que constitui sempre o elemento propulsor do fato criador da comunidade”. Nesse sentido, a arte popular brasileira se distingue por registrar, “com extrema criatividade, humor e poesia, a vida e o imaginário, o real e o simbólico, o sagrado e o profano do povo” (Beuque, 2000, p. 65). A proximidade entre a arte popular e a obra de Irmã Claudia é evidente, pois ambas buscam capturar o “ethos da região” (Aguilar, 2000, p. 33) e suas particularidades. Isso se destaca especialmente nas obras realizadas na Comunidade Cristo Operário, localizada em Xerém, que dialogam diretamente com os observadores e refletem a própria comunidade religiosa para a qual foram feitas, reforçando a importância da arte como uma expressão viva e autêntica da identidade cultural e espiritual local.

Figura 10: Painel da Irmã Claudia Schmid na Comunidade Cristo Operário.



Fonte: Arquivo Pessoal da Comunidade Cristo Operário.

2.5 O 7º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base

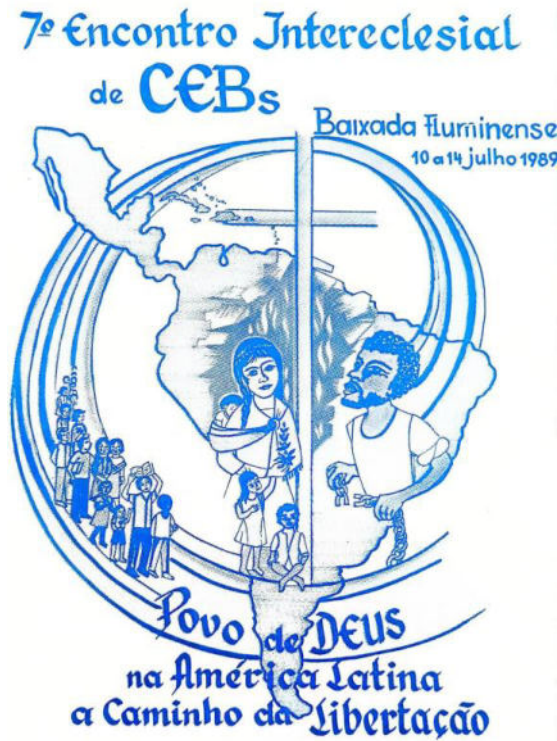
A escritora Ercília de Oliveira (2006), seguindo uma linha cronológica da história da Diocese de Duque de Caxias, chega ao ano de 1989, o ano do Sétimo Intereclesial das CEBs que reuniu entre 1500 e 2000 mil pessoas de diversas religiões e crenças.²⁷ Impressionante também é o número de bispos católicos romanos presentes no Encontro, 81, além de líderes religiosos de outras denominações, que celebraram em comunhão. “Os maiores aplausos ficaram por conta da Bíblia e uma evangélica fez a leitura da mesma” (Oliveira, 2006, p. 35).

É importante trazer esse momento celebrativo, pois sabemos que foi neste momento a entrada oficial da Teologia da Libertação na grande província eclesiástica, tradicional, de São Sebastião do Rio de Janeiro, e também em Duque de Caxias. Mesmo que houvesse algumas práticas anteriores, a nomenclatura da ação aparece na Diocese nesse momento. Então poder-

²⁷ No livro organizado pelo Padre Theóphilo Mattos são mencionadas 2.500 pessoas (Mattos, 2006, p. 102).

se-ia perguntar: a estética da Diocese é a estética da Teologia da Libertação? Mas, é importante dar destaque a essa fala da autora sobre a entrada da Bíblia, recebida em aplausos, para dar luz a algumas declarações sobre o que poderia ser a estética da Teologia da Libertação.

Figura 11: Painel do 7º Encontro Intereclesial das CEBs, ilustrado pela Irmã Claudia Schmid, 1989.



Fonte: Arquivo pessoal do Padre Domingos Ormonde.

A imagem que representa o 7º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), realizado na Baixada Fluminense em julho de 1989, é uma composição visual rica em símbolos que expressam o tema do evento: a caminhada do povo de Deus pela América Latina em busca de libertação. Este encontro foi marcado pela convergência entre elementos gráficos e valores teológicos, destacando a missão coletiva de justiça e solidariedade no contexto latino-americano. A representação remete à capa do “Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja”, na qual uma imagem específica ganha uma dimensão comunitária mais ampla. O mapa da América Latina sobreposto por uma grande cruz simboliza a união dos fiéis sob uma identidade e missão comuns, configurando uma unidade na diversidade.

Essa conexão visual sugere uma solidariedade que transcende as fronteiras, em que as dores, desafios e esperanças do continente são partilhados pelo povo de Duque de Caxias,

formando um corpo coletivo com uma mesma história e destino em Cristo. Ao centro da imagem, uma figura carrega um livro, reforçando a importância da Bíblia como a “Palavra de Vida” para os católicos. Esse livro aberto na imagem não é um simples texto, mas um guia de conduta e sabedoria, fundamental para interpretar e agir no mundo. A presença do livro simboliza o papel ativo da Palavra na comunidade, não apenas como leitura individual, mas como fundamento para o discernimento e a ação pastoral das CEBs. A Bíblia torna-se, assim, o eixo do discernimento coletivo, uma chave para compreender e transformar o contexto social da época.²⁸

A composição visual inclui diversas figuras — uma mulher com um bebê, crianças e adultos de diferentes perfis — representando a inclusão de todos os segmentos da comunidade na missão evangelizadora e na ação social. A presença da mulher indígena com a criança alude à imagem de Maria, mãe de Jesus, enfatizando valores como cuidado, proteção e continuidade da fé nas novas gerações. A diversidade etária e social destaca a inclusão e o papel central da mulher e da família na estrutura comunitária. A corrente arrebatada e o homem com as pernas em “x” representam o encontro de pessoas oprimidas. A cruz centralizada no mapa da América Latina representa, além da fé, um compromisso com o caminho da libertação. Sobreposta ao continente, a cruz sublinha as lutas históricas por direitos humanos e contra a desigualdade social que marcam a região. Essa escolha visual reflete a perspectiva das CEBs de que o cristianismo é uma força ativa de mudança, uma fonte de esperança para a transformação social. A cruz é, ao mesmo tempo, símbolo de sacrifício e de redenção, um emblema de resistência e de renovação para a América Latina.

Assim, a imagem do 7º Encontro Intereclesial das CEBs na Baixada Fluminense torna-se um símbolo de união e comprometimento do povo católico latino-americano com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Em um contexto de opressão e resistência, a imagem projeta a Igreja como agente coletivo de transformação social e espiritual. Os elementos gráficos reforçam uma mensagem de unidade, diversidade e esperança, enraizada na fé e na ação comunitária, valores fundamentais das Comunidades Eclesiais de Base.

²⁸ Para os cristãos católicos romanos, a Bíblia é considerada o “Livro da Vida”, conduzindo a ensinamentos e orientações para uma melhor conduta no mundo. Essa simbologia foi destacada na representação do personagem com o livro na imagem do painel do 7º Intereclesial das CEBs, desenhada por Irmã Claudia. A relação entre o povo de Duque de Caxias e a América Latina reforça a unidade e a missão comum.

Figura 12: A imagem do Documentário “Na terra Santa da Baixada” com a Entrada da Bíblia, no 7º Intereclesial das CEBs, em Duque de Caxias, 1989.



Fonte: Documentário no YouTube, “Na terra santa da Baixada”

Aqui, é importante destacar a forma de expressão religiosa popular de bater palmas para a Palavra de Deus que aconteceu no 7º Intereclesial das CEBs em Duque de Caxias, que Ercília comenta. Naquele momento, o que se vê é povo reunido não em um comício político, mas em uma grande celebração da vida, se dirigindo ao Pai e se preparando para as lutas que Ele nos confiou, por um mundo de justiça e libertação. Sem radicalismo. No município de Duque de Caxias, em meio a tanta violência e na falta de políticas públicas, muitas das vezes em suas músicas, desenhos, gestos, ações pastorais, enfim, em todas as formas de expressão artística mira-se a esperança de uma Jerusalém celeste.²⁹

Dom Mauro Morelli comenta: “É preciso que coloquemos nossas crianças no colo para sentirmos sua desnutrição e fazendo com que elas sintam a nossa humanidade” (Jornal Pilar,

²⁹ Jerusalém celeste, conforme descrito no Livro do Apocalipse (Ap 21,2-4), refere-se à visão escatológica da cidade santa que desce do céu como símbolo da consumação do Reino de Deus. Representa a plenitude da comunhão entre Deus e a humanidade, marcada pela ausência de sofrimento e pela habitação eterna com o Criador. Na teologia cristã, é interpretada como o destino final dos justos e a imagem da Igreja glorificada, conforme abordado pelos Padres da Igreja, como Santo Agostinho em *A Cidade de Deus* (426 d.c). Essa metáfora também inspira a espiritualidade cristã, ao apontar para a esperança na vida eterna e para a restauração plena da criação.

2001, *apud* Oliveira, 2006, p. 39). Criou-se então uma nova visualidade que integra a estética diocesana, que são os projetos sobre a desnutrição liderados pelo bispo diocesano, e a Pastoral da Criança, já que, na segunda metade da década 1990, a visão da Diocese dos anos 1980 sofreu com grande pressão externa, com a decadência da Teologia da Libertação. A autora traz essa problemática:

A dificuldade não está só em entender a comunhão e partilha dos bens mas, também no modelo de Igreja, em uma igreja com tantos membros onde uns ainda estão vivendo o modelo de Igreja européia, outros estão na proposta da América Latina de CEBs; há, também, o movimento carismático, seguindo o modelo americano (Oliveira, 2006, p. 39).

Será que, ano a ano, a proposta do Novo Projeto de Igreja, que estava sendo construído, foi passada para as pessoas? Será que o projeto foi atualizado ao longo dos anos, ou fixou-se no projeto de Igreja dos anos 80? Será que houve o entendimento de que a estética e a prática pastoral seria o bastante? Ercília de Oliveira termina o artigo contando a saga da troca dos bispos. Dom Mauro Morelli pede renúncia do cargo com apenas 69 anos de idade,³⁰ no ano de 2004, de forma rápida, e deixa aberta a questão da verdadeira razão pela qual foi feito o pedido e aceito tão rapidamente pela Santa Sé. Logo em seguida, 2005, chegou à Diocese Dom José Francisco Rezende Dias e a autora comenta que ele busca, com esperança, dar continuidade ao trabalho social implementado na Diocese.

³⁰ A idade habitual do pedido de renúncia é 75 anos.

Figura 13: 7º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base, 1989.



Fonte: Acervo do Padre Theóphilo Antônio da Rocha Mattos.

“Todos os plenários e o local da grande assembleia foram ornamentados com grandes painéis pintados por uma equipe liderada pela Irmã Claudia e pelo artista Maximino Cerezo” (Mattos, 2006, p. 102). Padre Theóphilo Mattos refere-se aos painéis usados no 7º Intereclesial das CEB’s, com repercussão posterior positiva e negativa. Além desse grande evento único que marcou a vida da Diocese, houve outros, como as Vigílias Diocesanas de Pentecostes – a do ano de 1992 foi especial: eram os dias da ECO 92 e do Fórum Global, que contou com a participação de 72 igrejas, 175 pessoas vindas de outros países, fora os diocesanos, em 6 horas de oração ecumênica. Um projeto de Igreja em defesa da vida. A luta pela vida nas “comunidades também é levada à frente por dezenas de grupos organizados pela Pastoral da Saúde e pela Pastoral da Criança” (Mattos, 2006, p. 105), como também o grupo de rede chamado Ação Social Paulo VI (ASPAS). Ao longo da década de 1990 e, mais contemporaneamente, nos primeiros anos do século XXI, evidencia-se que a pastoral da nossa Igreja Diocesana, inserida em um contexto caracterizado por desafios como a violência e a miséria, tem reconhecido a imperatividade de conferir valor às relações afetivas e simbólicas, sem negligenciar os compromissos de natureza macrossocial.

Indícios desse reconhecimento incluem a valorização da liturgia e da espiritualidade, mesmo que a Igreja de Duque de Caxias seja carente de um Sínodo da Liturgia. Porém, essa estima é evidenciada por meio da realização de diversos eventos de retiro direcionados a grupos,

pastorais, paróquias e regionais, bem como o surgimento de uma comunidade monástica diocesana denominada “Casa de Oração Batismo do Senhor”. É possível entender um pouco sobre isso na edição do “Jornal Pilar” de janeiro de 2002, como segue no próximo capítulo.

Figura: 14: Vigília Diocesana de Pentecostes - Catedral de Santo Antônio, maio de 2002.



Fonte: Acervo iconográfico do Jornal Pilar.

3 QUE TODOS SEJAM UM

3.1 A Comunhão do Projeto de Igreja e a arte de Padre Domingos Ormonde

No capítulo anterior, foi abordado o percurso da Igreja entre os anos 1981 e 1989. Agora, nesta nova etapa, analisar-se-á o desenvolvimento da Igreja após o significativo evento do 7º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, marcando o encerramento do Sínodo do Batismo e a conclusão do Sínodo da Comunhão.³¹ Ao adentrar nos primeiros anos da década de 1990 e do século XXI, identifica-se uma série de inovações importantes, como a integração de novos elementos à Catedral, em um processo orgânico; a escolha de um novo título para o documento final do II Sínodo diocesano,³² definida na Assembleia Diocesana de Pastoral de 2008, agora com capa atualizada,³³ além da confecção de paramentos litúrgicos e a construção da Capela da Comunidade Batismo do Senhor.

“Queremos ser uma Igreja de irmãos, uma presença nova do Cristo Pastor em nossa sofrida Baixada”, diz Dom Mauro Morelli (1988, p. 9) na abertura do documento da etapa final do II Sínodo diocesano, em 1988, que agora se baseia na Comunhão, criando assim o documento “Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti”, que até os dias atuais está intrínseco a todas as comunidades e documentos posteriores a ele. O documento define a estrutura de comunidade, paróquia, regional e Diocese, ele cria o sentar em círculo e discutir: bispo, padres, religiosas, religiosos, leigos e leigas, todos sentados em círculo conversando sobre os caminhos da igreja.

Muitos católicos ao redor do mundo acharam que o “Sínodo da Sinodalidade” (Vatican News, 2021), convocado pelo Papa Francisco no dia 09 de outubro de 2021, foi uma grande novidade para a Igreja universal, porém, para os católicos da Diocese de Duque de Caxias, essa é uma estética que está na gênese, mas, como em toda boa “gênese” há uma ‘maçã’ que tenta negar, atrapalhar e expulsar do jardim. É a partir dessas práticas pastorais que se pode entender a religiosidade popular católica, entender a lente pela qual aqui se olha a Igreja de Caxias. Como se vê nos seguintes artigos do Teólogo Celso Carias:

³¹ Este capítulo marca a diferença entre o projeto de Igreja, ainda com Dom Mauro, e, depois, o Projeto de Igreja em sua continuidade com o afastamento de Dom Mauro do governo diocesano.

³² O documento “Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti”, de 1986, que passou a se chamar “Que todos sejam um: Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti, RJ”.

³³ Anteriormente, criação da Irmã Claudia; agora, obra do Padre Domingos Ormonde.

O que é surpresa para muitos católicos do mundo, não é surpresa para quem viveu, por muito tempo, a graça de uma Igreja com comunhão e participação de todo Povo de Deus. E sabemos que outras dioceses do Brasil e da América Latina também viveram experiências semelhantes (CARIAS, 2021).

Em 1982, quarenta anos antes do Papa Francisco convocar o Sínodo sobre a sinodalidade (Comunhão, Missão e Participação), Mauro convocava o Sínodo Diocesano (Comunhão, Participação e Co-responsabilidade na Igreja). Que coincidência, não? Durante vinte e três anos ajudou a igreja local de Duque de Caxias e São João de Meriti a compreender que, pelo batismo, somos todos e todas, sujeitos eclesiais (PORTAL DAS CEBs, 2023).

Figura 15: Conselho Diocesano de Pastoral, em São Bento, 11 de fevereiro de 1996.



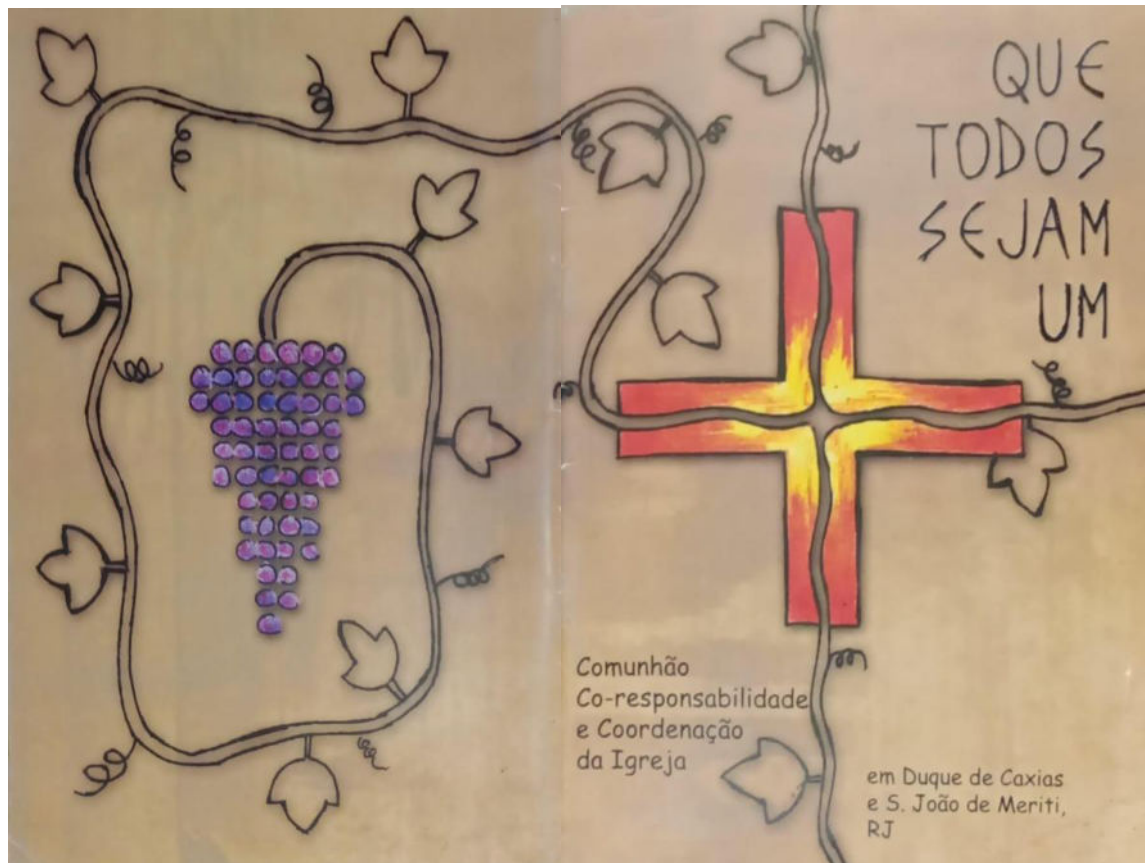
Fonte: Acervo iconográfico do Jornal Pilar.

Padre Domingos Ormonde é um destacado membro do clero da Diocese de Duque de Caxias, sua terra natal. Foi o primeiro padre ordenado na Diocese, marcando sua história desde o início. Ele é um dos fundadores da Comunidade Batismo do Senhor, localizada em Duque de Caxias, e se tornou referência nacional no campo da Iniciação à Vida Cristã, um tema no qual é especialista e pelo qual é amplamente reconhecido. Além disso, Padre Domingos possui mestrado em Liturgia (Diocese de Duque de Caxias, 2023), é membro do conselho editorial da “Revista de Liturgia” e cofundador da Rede Celebra de Liturgia, que trabalha na formação litúrgica de comunidades cristãs em diversas regiões do Brasil. Suas atividades incluem lecionar em cursos de especialização, pesquisar a relação entre liturgia e catequese, e divulgar o “Ritual da Iniciação Cristã de Adultos” (RICA), contribuindo para o fortalecimento da vivência litúrgica e catequética em diferentes contextos. Sua atuação pastoral, acadêmica e formativa o

posiciona como uma figura essencial na promoção da espiritualidade e da renovação litúrgica, evidenciando a importância de uma Igreja comprometida com a formação integral dos fiéis.

O documento “Que todos sejam um: Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti, RJ” apresenta-se como uma adaptação e continuidade de sua versão anterior. É significativo observar que, enquanto a capa da primeira edição foi elaborada pela Irmã Cláudia Schmid, a atual traz a contribuição do Padre Domingos Ormonde. Essa escolha reflete a permanência de um projeto de Igreja próxima ao povo, em que a arte desempenha um papel crucial ao carregar e transmitir a identidade pastoral e cultural da Diocese. A transição na autoria das capas simboliza não apenas a continuidade, mas também a renovação de um compromisso com a comunhão e a corresponsabilidade na construção da comunidade de fé.

Figura 16: Capa e 4ª capa do documento sinodal “Que todos sejam um: Comunhão Co-responsabilidade e Coordenação da Igreja em Duque de Caxias e S. João de Meriti, RJ”, 2009.



Fonte: Acervo pessoal do Padre Domingos Ormonde.

A capa apresenta uma cruz central em tons de vermelho e amarelo, envolvida por uma videira com folhas estilizadas e um cacho de uvas na contracapa. A cruz, elemento central do

cristianismo, é reforçada pelas cores aquecidas, que evocam a chama do Espírito Santo e a força vital da fé. Já a videira, símbolo de união e fertilidade, remete à passagem do Evangelho de João: “Eu sou a videira, vós sois os ramos” (João 15,5). As folhas e o cacho de uvas ampliam essa simbologia, sugerindo que cada fiel é um ramo da videira, e juntos formam um corpo místico em Cristo. Esta composição transcende a função decorativa, transmitindo uma mensagem profunda de unidade cristã inspirada pela conclusão do Sínodo da Comunhão. O título “Que Todos Sejam Um” refere-se diretamente à oração de Jesus na Última Ceia (João 17,21), em que Deus expressa o desejo de unidade entre seus seguidores. A escolha desse tema, reforçada pela reedição do documento em 2009 após assembleias e consultas pastorais, evidencia o compromisso da Diocese com a renovação e a participação ativa dos leigos, em um esforço coletivo e democrático para fortalecer a coesão comunitária.

A escolha do Padre Domingos, primeiro padre da Diocese de Duque de Caxias, como criador/ilustrador da capa é altamente significativa, representando uma nova fase dessa Igreja particular, marcada por atenção aos aspectos pastorais e sociais da fé.³⁴ A imagem comunica uma Igreja aberta, envolvida e próxima do povo, traduzindo a busca por uma comunhão prática baseada na corresponsabilidade e na coordenação participativa. Seu estilo artístico é simples e simbólico, caracterizado por traços minimalistas que evocam uma arte popular religiosa. A abordagem reforça a ideia de uma Igreja enraizada na tradição, mas ao mesmo tempo aberta à inovação. A ausência de excessos visuais contribui para que a mensagem central de unidade seja destacada, sublinhando que a essência da fé cristã é simples e acessível. A análise iconológica³⁵ dessa obra revela que a arte de Padre Domingos não é apenas uma ilustração, mas um manifesto visual dos valores e da identidade da Diocese. Sua composição reflete uma Igreja que integra tradição e contemporaneidade, reafirmando seu compromisso com a comunhão e a participação ativa dos fiéis.

O livro “História de uma Nova Igreja: Jubileu de prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti”, organizado por Padre Theóphilo Mattos, objetiva uma grande ação

³⁴ Importante lembrar da colaboração de Ronaldo O. Caldas na diagramação e digitalização da ilustração do Padre Domingos.

³⁵ A análise iconológica é uma abordagem interpretativa da arte que busca compreender o significado profundo das obras, indo além de sua simples descrição visual. Desenvolvida por Erwin Panofsky, ela se divide em três níveis: iconografia, iconologia e o contexto histórico-cultural. No primeiro nível, a iconografia trata da identificação dos elementos visuais presentes na obra, como figuras e símbolos. A iconologia, no segundo nível, explora o significado desses elementos, considerando as ideias, crenças e valores da época em que a obra foi produzida. Por fim, o contexto histórico e cultural, o terceiro nível, examina a obra dentro do cenário social, político e cultural, buscando entender como ela reflete e questiona a sociedade da época. Esse método permite uma análise mais profunda e contextualizada das obras de arte, revelando suas dimensões simbólicas e ideológicas.

pastoral para a Igreja, levantando dados históricos que contribuíram para a vida das comunidades, para que, sabendo de seu passado, fossem revigoradas no presente, para sonhar um caminho futuro, esperar. No começo do livro, trazendo informações sobre a presença católica na Baixada Fluminense antes de 1981, ele traz a informação sobre a criação de algumas dioceses vizinhas, ou que tiveram alguma relação com a Diocese de Caxias, como, por exemplo, a Diocese de Itaguaí, criada em 1980, a Diocese de Nova Iguaçu e a Diocese de Nova Friburgo, criadas em 1960. Mesmo que tenham sido criadas décadas antes, os seus bispos, Dom Adriano Hipólito (1918-1996) e Dom Clemente Isnard (1917-2011), respectivamente, tiveram grande conexão com a história da diocese de Duque de Caxias e com Dom Mauro Morelli.

As dioceses que mais aderiram ao “Concílio Vaticano II” (Tempesta, 2022) foram criadas ainda no sopro da Igreja pós-conciliar, como as igrejas particulares de Caxias e Itaguaí. Igrejas que tiveram grandes personagens no período da reforma litúrgica no Brasil, como Nova Friburgo, ou que se mostraram ativas no momento de tensão política (Villela, 2016), como Nova Iguaçu, foram essenciais para a criação das ações pastorais em Caxias, moldando a estética do Projeto de Igreja do Concílio Vaticano II. A análise pauta-se na pessoa de Dom Clemente Isnard, mas poderia, também, se pautar na pessoa de Dom Adriano Hipólito, que, como Dom Mauro Morelli, foi um grande defensor de políticas públicas, direitos humanos e uma vida comprometida, com grande radicalização, ao evangelho de Jesus, aceitando a opção que Jesus Cristo faz pelos pobres, em suas próprias vidas.

Dom Clemente Isnard teve uma vida repleta de grandes acontecimentos e, nesta análise, trazendo um dos maiores liturgistas do Brasil, busca-se mostrar como a religiosidade popular do povo caxiense está intrínseca na vida litúrgica, em sua reforma e seu compromisso nas ações pastorais. Ele, que participou do conselho de execução da Constituição sobre a sagrada liturgia no Concílio Vaticano II,³⁶ foi membro da Sagrada Congregação para o Culto Divino (1969), foi presidente da Comissão de liturgia da CNBB, comissão da qual participou por 23 anos, foi vice-presidente da CNBB de 1979-1983, foi presidente do Departamento de Liturgia do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) de 1979-1982 e, no ano seguinte, foi vice-presidente do mesmo conselho de 1983-1987, dedicando sua vida à defesa do movimento litúrgico e do Concílio Vaticano II, como bispo por 32 anos da Diocese de Nova Friburgo. Essa figura tão emblemática, e que divide opiniões, foi vigário-geral da Diocese de Duque de Caxias, contribuindo assim para um forte movimento litúrgico nas comunidades, em que leigos e leigas, a partir da oração, puderam expressar sua espiritualidade ao Senhor. Mas a Diocese de Caxias

³⁶ Aconteceu em 1964, resultando na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*: Sobre a Sagrada Liturgia.

não é uma igreja de bispos, mas do povo de Deus, que nunca foi totalmente política e tampouco só de espiritualidade; ela leva o melhor dos dois, é uma Igreja que se abastece na espiritualidade para as suas lutas, pois foi isso que Dom Mauro e Dom Clemente ensinaram. E se vive há algum tempo, dentro da Diocese, somente de abastecimento espiritual e doutrinário; talvez a próxima luta seja muito grande.

Figura 17: Dom Clemente José Carlos Isnard, osb. (Bispo emérito de Nova Friburgo e vigário geral da Diocese de Duque de Caxias); Nuncio Apostólico Dom Lorenzo Baldisseri; e Dom Mauro Morelli. 13/09/2004



Fonte: Acervo iconográfico do Jornal Pilar.

3.2 A Catedral Santo Antônio e o Rito de Dedicção do Altar

Dentre alguns acontecimentos para a criação da Diocese, Padre Theóphilo escreve sobre o pedido do uso da matriz da paróquia Santo Antônio à Ordem Franciscana Menor, para se transformar em Catedral. Segue o que diz o autor em dois momentos:

Com a criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, uma das principais preocupações dizia respeito à situação do prédio da Igreja Santo Antonio, propriedade da Província Franciscana da Imaculada Conceição, e que seria sede da nova matriz. Para resolver a questão, foi realizada uma reunião com o Nuncio Apostólico do Brasil, D. Carmine Rocco, e o Geral da Ordem Franciscana, que definiu a transferência da propriedade para a nova Diocese, em nome de Mitra Diocesana (Mattos, 2006, p. 23).

A Igreja Matriz de Santo Antônio foi cedida pela Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, para nela ser a sede da nova Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, o que aconteceu no dia 12 de julho de 1981, sob a orientação e a direção de Dom Mauro Morelli, primeiro bispo diocesano (Mattos, 2006, p. 25).

Interessante a contextualização de como se adquiriu a Catedral, para observar suas adaptações anos à frente, no ano de 2011, quando Padre Domingos foi assessor litúrgico na adaptação do novo conjunto do presbitério, que traz os seguintes elementos: altar, cátedra, ambão e pia batismal. Houve uma pequena adaptação pós-Concílio Vaticano II feita pelos franciscanos. Porém, foi somente depois do 7º Intereclesial das CEB's que foram acontecendo mudanças mais significativas.

O novo conjunto do presbitério da Catedral Santo Antônio representou uma renovação litúrgica inspirada pelos princípios do Concílio Vaticano II. A dedicação do altar,³⁷ celebrada no 30º aniversário da Diocese de Duque de Caxias, em 12 de julho de 2011, marcou um momento emblemático na história da Igreja local, consolidando sua missão pastoral e espiritual nessa região marcada por desafios sociais e culturais. Na celebração, o rito da incensação, conduzido pelo bispo e acompanhado por um diácono, destacou-se como um dos momentos de maior significado simbólico. O incenso,³⁸ utilizado na tradição católica como símbolo de purificação e elevação das orações a Deus, reforça a sacralidade do altar enquanto espaço dedicado exclusivamente ao culto divino. A fumaça que se eleva simboliza a espiritualidade e a transcendência, representando a ligação entre a comunidade de fiéis e o mistério divino.

Padre Domingos Ormonde, assessor litúrgico responsável pela implementação dos novos elementos na Catedral Santo Antônio, ressaltou a relação simbólica entre os recursos deste rito e os Sacramentos da Iniciação Cristã, traçando paralelos que ampliam a compreensão teológica da dedicação. A aspersão de água remete ao Batismo, enquanto a unção e a deposição de relíquias evocam a Crisma e a Eucaristia, reafirmando a Catedral como um “templo vivo”³⁹ que reflete a fé e a missão da Igreja.

³⁷ O rito litúrgico da dedicação do altar na Igreja Católica Romana é um sacramento importante que consagra um novo altar, tornando-o um espaço sagrado para a celebração da Eucaristia. Durante a cerimônia, o bispo realiza a unção do altar com óleo sagrado, a incensação, e a colocação de relicários, simbolizando a continuidade da tradição cristã. A oração de consagração dedica o altar a Deus, como um lugar sagrado para o culto e a oração da comunidade. Este rito marca a instituição de um espaço fundamental para os ritos litúrgicos da Igreja.

³⁸ “O incenso é uma resina, de perfume agradável, extraída de certas árvores. É queimado sobre as brasas colocadas em um braseiro, em um incensório (vaso) ou em um turíbulo (quando este tem correntes para facilitar a incensação). No Brasil, o incenso lembra para muitas pessoas o defumador que veio da cultura antiga, tanto dos indígenas como também dos negros e dos povos brancos. Ainda hoje há o costume de queimar ervas e raízes aromáticas com finalidade de afastar influências negativas de pessoas e de casas e de atrair boa sorte.” (Carpanedo, 2024, p. 16).

³⁹ WEBNODE. Paróquia Santo Antônio – Duque de Caxias.

É a peça central da igreja [o Altar], a mais importante. Deve ser único, pois é sinal do Cristo. Simboliza também a mesa do sacrifício do banquete Pascal e é o próprio cristão, que é pedra viva com que o Senhor Jesus constrói o altar da Igreja. Deve ocupar um lugar que seja o centro para o qual a atenção de todos os fiéis naturalmente se dirija (Machado, 1996, p. 4).

Figura 18: Presbitério da Catedral Santo Antônio - sede da Diocese de Duque de Caxias, 2024.



Fonte: Fotografia de Gustavo dos Santos Figueiredo.

O centro, a razão de ser do espaço Sagrado é o Altar, lugar do sacrifício cultural. Essa é a verdade fundamental própria a toda religião. Quando o acidental prolifera sempre se corre o risco de esquecer, aos poucos, o essencial. O Altar não é apenas uma realidade fundamental, mas a primeira (Pasto, 1993, p. 246).

Na Catedral Santo Antônio, o altar ocupa uma posição central e destacada no presbitério, refletindo sua primazia como o ponto focal do espaço litúrgico e incorporando o espírito do Concílio Vaticano II, que restaurou sua centralidade na celebração eucarística. Elevado em relação ao piso da nave, o altar destaca-se como o local do sacrifício cultural e do memorial da ceia do Senhor, sendo confeccionado em madeira escura que contrasta harmoniosamente com o piso de mármore quadriculado em preto e branco, transmitindo sobriedade e solenidade. O presbitério, com suas paredes adornadas por relevos de inspiração rococó, que apresentam elementos fitomórficos evocando a riqueza da criação divina, cria um ambiente de sacralidade que valoriza a centralidade do altar sem ofuscá-lo, enquanto a estátua de Santo Antônio,

posicionada acima, reforça a espiritualidade local e a conexão com a devoção popular. A separação entre o sacrário, integrado ao retábulo e dedicado ao culto eucarístico fora da missa, e o Altar, destacado como o centro da celebração comunitária, reflete as reformas litúrgicas do Vaticano II, que organizam os espaços para enfatizar o papel comunitário da mesa eucarística. Inspirado nas raízes bíblicas do sacrifício descritas em Êxodo 20,24 e na simplicidade funcional dos primeiros altares, o Altar da Catedral Santo Antônio resgata a ideia de reunir a comunidade em torno da celebração, promovendo acessibilidade e participação ativa no mistério pascal. A colaboração entre o Padre Domingos e a arquiteta Regina Celi Albuquerque Machado evidencia uma busca por equilíbrio entre tradição e modernidade, respeitando os princípios litúrgicos pós-conciliares e dialogando com exemplos históricos, como os mosaicos de Santo Apolinário em Classe⁴⁰ e as cenas das catacumbas,⁴¹ que destacam a centralidade do altar na tradição cristã. Assim, o altar da Catedral Santo Antônio é um exemplo eloquente de harmonia entre renovação e tradição litúrgica, reafirmando a centralidade do sacrifício eucarístico e promovendo um espaço sagrado que inspira fé, devoção e a participação ativa da comunidade.

O ambão deve manifestar na sua forma e localização a dignidade e importância da Palavra de Deus e favorecer o seu anúncio. Deve ser o lugar para onde a atenção dos fiéis se volta espontaneamente durante a liturgia da Palavra (Machado, 1996, p. 6).

⁴⁰ Santo Apolinário em Classe, séc. VI, Ravena.

⁴¹ Catacumba de Santa Domitila, séc. IV, Roma.

Figura 19: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.



Fonte: Fotografia de Gustavo dos Santos Figueiredo.

Figura 20: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.



Fonte: Fotografia de Gustavo dos Santos Figueiredo.

Figura 21: Ambão da Catedral Santo Antônio, 2024.



Fonte: Fotografia de Gustavo dos Santos Figueiredo.

O ambão, elemento litúrgico herdado da tradição sinagoga, ocupa um papel central na liturgia cristã como espaço destinado à proclamação da Palavra de Deus, cuja história reflete períodos de desaparecimento e transformação, sendo por vezes reduzido a um púlpito para pregações desconectadas da ação litúrgica. A reforma promovida pelo Concílio Vaticano II restaurou sua função original, integrando-o plenamente ao rito e posicionando-o em destaque no espaço sagrado. Na Catedral Santo Antônio, o ambão, executado com o mesmo material do Altar, simboliza a unidade entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia, sendo cuidadosamente elevado e situado ao alcance do olhar da assembleia para assegurar a clareza da proclamação, reforçando sua importância na celebração litúrgica. Sua estrutura em madeira escura, adornada com entalhes fitomórficos, dialoga esteticamente com o presbitério e remete simbolicamente ao “jardim da nova criação”, evocando o Jardim da Ressurreição e a Páscoa, enquanto a presença de flores ao seu redor reforça a dimensão de vida nova e renovação. Além de funcional, o ambão carrega um profundo simbolismo teológico, sendo o local em que o Verbo se faz Palavra viva e proclamada, participando do mesmo *status* litúrgico do Altar, onde o Verbo se faz Pão da Vida, reforçando assim a unidade entre Palavra e Eucaristia como

mistérios complementares. O projeto do ambão reflete a sensibilidade pastoral do Padre Domingos e a visão arquitetônica de Regina Celi Albuquerque Machado, atendendo às necessidades da liturgia e assegurando a participação ativa da assembleia, ao mesmo tempo em que recupera o espírito dos ambões das basílicas paleocristãs, como os de Roma e Ravena. Assim, o ambão da Catedral Santo Antônio exemplifica a integração entre tradição e renovação litúrgica, reafirmando a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja e promovendo um espaço em que sua proclamação ecoa como expressão do mistério pascal.

A preocupação com a pia batismal demonstra o valor que a comunidade dá ao sacramento. O batismo é a porta de entrada para se fazer parte da Assembleia dos cristãos. A presença da pia batismal na entrada da igreja lembrava sempre os fiéis, cada vez que entrava numa igreja, a sua pertença àquela comunidade e era oportunidade para renovar os seus compromissos do batismo (Machado, 1996, p. 14).

Figura 22: Fonte Batismal da Catedral Santo Antônio, Duque de Caxias, 2024.



Fonte: Acervo próprio

A fonte batismal reflete tanto a tradição histórica quanto a renovação litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II. A escolha do formato octagonal remete ao simbolismo do “oitavo dia”, que evoca a nova criação e a ressurreição de Cristo, enquanto sua elevação sobre dois degraus destaca a importância sacramental do batismo como porta de entrada para a vida cristã. Confeccionada em pedra e revestida de madeira, a pia batismal harmoniza-se esteticamente com o altar e o ambão, utilizando os mesmos materiais e ornamentos para reforçar a unidade visual e teológica do espaço litúrgico. A presença do círio pascal ao lado da pia sublinha a conexão com o mistério pascal, evidenciando o batismo como um momento de participação na morte e ressurreição de Cristo.

Historicamente, as fontes batismais passaram por transformações significativas, desde as piscinas de imersão nos batistérios das basílicas paleocristãs até os modelos reduzidos adaptados para a prática do batismo infantil, quando a imersão foi substituída pela aspersão. O Concílio Vaticano II, ao restaurar o “Ritual de Iniciação Cristã de Adultos” (RICA) e reformar o ritual do batismo infantil, resgatou uma compreensão mais profunda dos sinais sacramentais, enfatizando o papel da pia batismal como expressão concreta da renovação da vida em Cristo e da comunidade como povo de Deus. A disposição da fonte batismal na Catedral Santo Antônio, ao lado de elementos litúrgicos que integram o espaço sagrado, reflete essa preocupação em atender às exigências do ritual e, ao mesmo tempo, criar um ambiente que inspire fé e devoção. Sob a orientação do Padre Domingos, reconhecido por seu virtuosismo em liturgia e iniciação cristã, a concepção da pia batismal evidencia um equilíbrio entre tradição, funcionalidade e significado teológico, reafirmando sua centralidade na vida da Igreja e no rito de iniciação cristã.

Se a comunidade é o corpo de Cristo, a presidência representa o Cristo enquanto cabeça, enquanto o chefe de sua igreja. A cadeira da presidência deve exprimir a função daquele que preside a assembleia e dirige a oração numa posição de serviço hierárquico (Machado, 1996, p. 8).

Figura 23: Cátedra da Diocese de Duque de Caxias, 2024.



Fonte: Fotografia de Gustavo dos Santos Figueiredo.

A cátedra da Catedral Santo Antônio desempenha um papel central na liturgia, representando o lugar de presidência e autoridade do bispo. Esse assento é o símbolo do magistério episcopal, a partir do qual o bispo age como mestre em nome de Cristo, atualizando a Palavra de Deus e orientando a comunidade de fé. Na imagem, a cátedra encontra-se em posição de destaque, conforme a recomendação litúrgica, garantindo visibilidade e facilitando a comunicação simbólica entre o bispo e a assembleia reunida. Executada em madeira, com um design sóbrio, mas de forte simbolismo, a cátedra harmoniza-se com os demais elementos litúrgicos, como o altar, ambão e a fonte batismal, criando uma unidade estilística no espaço sagrado. Essa coerência visual reforça a ideia de que cada elemento possui um papel específico, mas interligado na celebração eucarística. A escolha do material e a ornamentação, com elementos geométricos e simbólicos, conectam a cátedra à tradição litúrgica e ao contexto cultural local, respeitando a estética do ambiente da catedral. Posicionada em proximidade ao altar e ao ambão, a cátedra encerra simbolicamente o círculo da assembleia ao redor do Altar, fortalecendo a ideia de unidade entre o povo de Deus e o Cristo celebrante. Essa disposição permite que a sede se torne não apenas um elemento funcional, mas um verdadeiro símbolo da presença de Cristo e de sua orientação para a comunidade. A cátedra, como parte integrante da renovação estética e litúrgica promovida sob a orientação do Padre Domingos Ormonde, reflete um cuidado pastoral em unir tradição e funcionalidade, destacando o papel do bispo como pastor e mestre que conduz seu rebanho em comunhão com Cristo.

Por isso, o lugar mais apropriado para esta cadeira é de frente para o povo no fundo do presbitério, a não ser que a estrutura do edifício sagrado ou outras circunstâncias o impeçam, por exemplo, se a demasiada distância torna difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia, ou se o tabernáculo ocupar o centro do presbitério atrás do altar. Evita-se toda a espécie de trono (IGMR, 2023, n° 310).

O espaço sagrado, com sua estrutura simples e funcional, está em consonância com a austeridade litúrgica⁴² promovida pelo Concílio Vaticano II. A escolha de elementos visuais minimalistas reforça o foco no mistério eucarístico como centro da celebração litúrgica, ao mesmo tempo em que promove uma maior proximidade e participação dos fiéis. A nova adaptação do espaço sagrado, portanto, não se limita à estética, mas carrega uma intenção teológica e pastoral de renovação, alinhada ao contexto da criação da Diocese e às necessidades de uma comunidade em transformação. Historicamente, a fundação da Diocese em 1981 representou uma reestruturação significativa. A antiga igreja matriz, cedida pelos franciscanos, tornou-se a Catedral, simbolizando o início de uma administração eclesial mais próxima das particularidades socioeconômicas da Baixada Fluminense. Sob a liderança de Dom Mauro Morelli, a Igreja local começou a consolidar-se como espaço de acolhimento e fé, priorizando a justiça social e o engajamento comunitário. A dedicação do altar reafirmou esse compromisso, destacando o papel da Diocese como um agente de transformação espiritual e social.

⁴² A austeridade litúrgica valoriza a simplicidade e a essencialidade nos ritos, espaços e objetos litúrgicos, eliminando excessos para destacar o significado espiritual e teológico do culto. Inspirada pelo Concílio Vaticano II, promove um ambiente de oração autêntico e uma Igreja próxima dos fiéis, alinhada à visão da “Igreja dos Pobres”.

Figura 24: Aspersão do altar, das colunas e do povo, pelo Padre Renato Gentile (pároco da catedral e vigário Geral da Diocese), 2011.



Fonte: Site da paróquia Santo Antônio

Figura 25: Deposição das relíquias de São Frei Galvão no altar da Catedral de Santo Antônio, por Dom José Francisco Rezende Dias, Duque de Caxias, 2011.



Fonte: Site da paróquia Santo Antônio

Figura 26: Unção do óleo das cruzes nas colunas da Catedral de Santo Antônio, por Dom José Francisco, segundo bispo da Diocese de Duque de Caxias, 2011.



Fonte: Site da paróquia Santo Antônio

Figura 27: Incensação do Altar, no Rito de Dedicção de um altar, na Catedral Santo Antônio, Duque de Caxias, 2011.



Fonte: Site da paróquia Santo Antônio

O rito de dedicação do altar foi também uma expressão de continuidade e renovação. Todos os elementos e ritos, como a incensação e a deposição de relíquias, de São Frei Galvão,⁴³ simbolizam o sacrifício de Cristo e o chamado à comunhão. Todos os outros atos litúrgicos, contidos no rito, reforçam a identidade da Igreja como uma comunidade viva, em que o espaço sagrado não é apenas cenário de rituais, mas uma expressão pedagógica da fé. Assim, conforme padre Domingos sublinhou, a interação dos fiéis com o altar consagrado é um convite à vivência da missão cristã, integrando fé e prática na construção do Reino de Deus.⁴⁴ Em suma, a adaptação do altar da Catedral Santo Antônio e sua dedicação simbolizam mais do que uma transformação arquitetônica; representam um marco na renovação litúrgica e pastoral da Diocese. Esse evento reafirma o esforço da Igreja em adaptar-se às necessidades de seu povo, mantendo-se enraizada na tradição, mas aberta à inovação. Através dessa adaptação, a Diocese consolidou sua presença como espaço de fé, acolhimento e ação em uma região marcada por desafios sociais e econômicos, evidenciando a relevância do espaço sagrado como o coração espiritual da comunidade.

As vestes litúrgicas elaboradas por Padre Domingos Ormonde e usadas no rito de Dedicação do Altar na Catedral de Santo Antônio são carregadas de profundo simbolismo teológico e cultural, refletindo a identidade da Igreja de Duque de Caxias. O conjunto de paramentos, composto por casula, estola e mitra, foi cuidadosamente elaborado para dialogar com a tradição litúrgica e a espiritualidade local. Historicamente, as vestes litúrgicas transcendem a função simples de cobrir o corpo, tornando-se expressões da identidade e do papel daqueles que as utilizam no contexto da celebração. Assim como em diversas tradições religiosas, em que vestes e adornos corporais indicam graus de iniciação e funções específicas, na liturgia cristã, as roupas especiais dadas aos ministros ordenados — como a casula e a estola — remetem à dignidade e à sacralidade de sua missão. Inspirando-se no uso das vestes da nobreza romana antiga, que foram adaptadas ao rito cristão e estilizadas ao longo dos séculos, os paramentos vestidos para a celebração na Catedral preservam a simplicidade e a solenidade que caracterizam os trajes litúrgicos. Por fim, a escolha estética e simbólica desse conjunto de vestes litúrgicas conecta a comunidade à tradição viva da Igreja, destacando o mistério pascal e a missão pastoral de anunciar a glória da ressurreição.

⁴³ São Frei Galvão, primeiro santo brasileiro, nasceu em 1739 em Guaratinguetá, São Paulo, e foi canonizado pelo Papa Bento XVI em 2007. Franciscano dedicado, destacou-se como sacerdote, pregador e fundador do Mosteiro da Luz, em São Paulo. Conhecido por sua espiritualidade e devoção à Virgem Maria, é amplamente venerado por sua caridade e pela distribuição das “pílulas de Frei Galvão”, associadas a relatos de curas milagrosas. Sua vida exemplifica a fé e o serviço aos pobres e doentes, sendo um importante símbolo de santidade no Brasil.

⁴⁴ Entrevista disponível em: <https://santoantoniocaxias.webnode.com.br/>

Convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorra não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do material usado e da forma. Os ornatos apresentam figuras ou imagens ou então símbolos que indicam o uso sagrado, excluindo-se os que não se prestam bem a esse uso (IGRM, 2023, n° 344).

A ornamentação litúrgica sempre valorizou elementos decorativos simples e simbólicos, como a grega, que possuem uma longa tradição na arte sacra. Em um contexto de valorização das culturas locais, seria possível restaurar padrões decorativos inspirados nas tradições indígenas e afro-brasileiras, integrando-os de forma harmoniosa às vestes e ao ambiente litúrgico. Essa abordagem reflete a universalidade de Cristo, que acolhe e assume todas as expressões culturais, reforçando a mensagem de unidade e inclusão da fé cristã.

3.3 Capela Batismo do Senhor

A história da Comunidade Batismo do Senhor, comunidade religiosa fundada pelo Padre Domingos Ormonde, reflete um fenômeno observado na Igreja Católica como um todo: o nome da comunidade e da assembleia de fiéis passou a se confundir com o nome do templo onde se reúnem. Assim como o termo “Igreja”, que originalmente se refere ao povo reunido, foi atribuído aos edifícios sagrados, o mesmo ocorreu nesta comunidade. Atualmente, é comum ouvir expressões como “vamos à comunidade”, indicando o templo em si, e não apenas a assembleia que ali se reúne. Esse uso linguístico é recorrente em todo o Brasil, refletindo uma fusão entre o espaço sagrado e a identidade comunitária.

O nome “Comunidade Batismo do Senhor” carrega um significado profundo. Ele foi escolhido em sintonia com a orientação teológica e pastoral de Dom Mauro Morelli, que enfatizou o batismo como fonte de vocação cristã, fundamento da vida comunitária e origem dos ministérios e serviços da Igreja.⁴⁵ Esse nome foi, portanto, uma maneira de ressaltar a espiritualidade batismal que marca a identidade da Diocese desde sua fundação.

A comunidade teve suas origens em pequenos grupos de animadores que participaram do 7º Intereclesial das CEBs, realizado em Duque de Caxias. Inicialmente, esses grupos se reuniam para celebrar o Evangelho, partilhar experiências de fé e fortalecer a espiritualidade na preparação para os ministérios eclesiais. Esse ambiente de vivência comunitária e espiritualidade deu forma ao que hoje é a Comunidade Batismo do Senhor.

⁴⁵ I Sínodo Diocesano: Batismo na Vida e na Missão da Igreja.

Figura 28: Vestíbulo da Capela Batismo do Senhor, Duque de Caxias, 2024.



Fonte: Acervo de Padre Domingos Ormonde.

Figura 29: Nave da Capela Batismo do Senhor, 2024.



Fonte: Acervo próprio

Figura 30: Padre Domingos Ormonde batizando uma criança na fonte batismal da Capela Batismo do Senhor, 2024.



Fonte: Acervo de Padre Domingos Ormonde.

Quanto ao espaço físico, a capela que abriga a comunidade possui uma rica história. Quando foi encontrada, estava em péssimo estado de conservação. Foi necessário um esforço coletivo para erguê-la, tornando-a um espaço acolhedor e cheio de espiritualidade, embora as obras ainda não estejam completamente finalizadas. A reforma seguiu uma visão artística e funcional orientada por Padre Domingos, reconhecido por sua habilidade como artesão e assessor litúrgico. Ele liderou a elaboração de paramentos litúrgicos, vestes, blusas religiosas e outros itens artesanais que ajudaram a comunidade a subsistir financeiramente e a manter sua espiritualidade. A iconografia da capela, concebida sob o olhar atento de Padre Domingos, também reflete essa profunda conexão entre arte e fé. Analisar os símbolos presentes no espaço permite uma leitura iconológica que ressalta a espiritualidade batismal e o compromisso pastoral que fundamentam a identidade da Comunidade Batismo do Senhor. Apesar dos desafios enfrentados ao longo dos anos, a comunidade continua a florescer como um lugar de encontro, celebração e vivência da fé cristã.

Sendo o Batismo o Sacramento de incorporação a Cristo e à Igreja, povo de Deus, sua celebração ocorre no âmbito da comunidade eclesial, e não fora dela. Nesse contexto, destacamos a Capela Batismo no Senhor, cuja fonte batismal, posicionada no centro do espaço, deve atender às exigências litúrgicas. Primeiramente, a fonte batismal deve ser suficientemente ampla para comportar o maior número possível de fiéis presentes à celebração. Além disso, é

necessário que seja suficientemente profunda para permitir o Batismo por imersão ou, ao menos, por ablução em água viva e corrente. Idealmente, a fonte deveria estar situada em um nível inferior ao do espaço da igreja, permitindo um movimento simbólico de descida e subida, representando o mistério do Batismo como morte e ressurreição em Cristo. Embora a fonte batismal possa ser móvel, ela deve assegurar estabilidade, permanecendo como um elemento central do espaço celebrativo. Assim, mantém-se como memória permanente do Batismo, unindo-se ao rito e à expressão da celebração dominical da comunidade, reforçando o sentido sacramental e comunitário do Batismo.

CONCLUSÃO

O conceito de sagrado pode ser compreendido como a manifestação do totalmente outro,⁴⁶ um mistério transcendente que se revela no mundo humano. Termos como hierofania, mistério e sagrado são frequentemente utilizados como sinônimos, descrevendo essa iniciativa divina que se manifesta na realidade. O sagrado, por sua essência, não é parte da esfera cotidiana e profana, sendo seu oposto absoluto, uma vez que transcende os elementos comuns deste mundo e aponta para algo distinto e superior.

No campo da memória, a obra de arte ocupa um lugar privilegiado na historiografia humana, funcionando como um registro tangível de um tempo, um povo, um movimento ou um acontecimento histórico. Ela é testemunha de contextos passados, muitas vezes preservando significados que transcendem as palavras e outras formas de documentação. A relação entre arte e cultura revela a profunda interdependência entre ética, estética e o pensamento de uma época. A expressão artística reflete os valores, comportamentos e a filosofia de um povo, sendo a cultura tanto um molde para a criação quanto uma entidade moldada por ela. Nesse sentido, a obra de arte é uma síntese marcante, uma expressão coletiva que encapsula o pensamento, os costumes e a identidade de uma sociedade.

Cada obra de arte carrega consigo um mistério próprio, uma essência que transcende o material e comunica algo mais profundo. O espírito que habita a obra confere-lhe forma e significado, tornando-a um fenômeno único. Não se trata apenas de uma psicologia individual ou coletiva, mas de uma presença que emerge e se comunica com o observador, conferindo à obra sua singularidade e relevância.

A imagem reflete um modelo de Igreja popular e participativa que é encontrada na Diocese estudada. A presente pesquisa explorou a relação entre arte sacra, identidade cultural, identidade visual, espiritual e missão pastoral na diocese de Duque de Caxias, buscando compreender sua trajetória a partir dos elementos que marcaram a vida da população que dialoga com essa fé professada. O estudo destacou a construção de uma unidade diocesana por meio das primeiras manifestações de obras artísticas, após a criação da Diocese, por pessoas que estavam relacionadas, conectando às questões e aos desafios contemporâneos.

⁴⁶ O conceito de sagrado, segundo Cláudio Pasto (1993), refere-se à manifestação do “totalmente outro”, ou seja, a presença do transcendente que supera a realidade cotidiana e conduz ao mistério divino. Essa dimensão do sagrado convida à contemplação e se expressa na arte como um reflexo da fé e do encontro com Deus, revelando-se como uma experiência transformadora que conecta o humano ao eterno.

Destaque foi dado à cruz como cruz do cordeiro, por exemplo, a cruz que está de forma principal no painel das CEBs, a cruz na capa do subsídio “Que todos sejam um”, que reafirma a missão de unidade e a identidade compartilhada, configurando-se como emblema de resistência e renovação no contexto latino-americano, mas cujo foco é o território Diocesano. Os impactos da arte na história da Diocese demonstram seu papel transformador, não apenas como elemento estético, mas também como veículo de construção de uma nova história, celebrações e expressões de fé que dialogam com as realidades locais.

A arte, nesse contexto, reforça a visão de uma Igreja viva, inserida no território e na vida de seu povo, promovendo um catolicismo descolonizado e comprometido com a esperança. Conclui-se, então, que a Diocese enfrenta desafios urgentes em sua vida pastoral, exigindo ações que reafirmem a ideia de uma “Igreja da Esperança”, em consonância com o Jubileu 2025. É preciso avançar na integração entre arte, fé e comunidade, promovendo uma Igreja que testemunhe a partilha e a solidariedade em todos os aspectos de sua missão. A preservação da história e do patrimônio artístico permanece fundamental, mas deve estar alinhada às exigências litúrgicas e pastorais de um projeto de Igreja voltado para o serviço ao próximo e a regeneração espiritual. A cruz, enquanto símbolo, e a arte, enquanto linguagem, tornam-se expressões tangíveis de um compromisso comunitário que une tradição e renovação. Elas apontam para a construção de uma fé amadurecida, baseada na partilha, no serviço e na comunhão, inspirando a Diocese de Duque de Caxias a ser cada vez mais sinal de esperança para seu povo e para o mundo.

Os objetivos propostos nesta monografia foram alcançados, permitindo uma reflexão mais profunda sobre a identidade da Diocese de Duque de Caxias. Não se trata apenas de uma “igreja que nasce da esperança”, mas de uma “Igreja da Esperança”, em constante construção, que se expressa por meio de sua história, arte e práticas pastorais. Essa identidade transcende a herança colonial refletida em suas arquiteturas e obras artísticas anteriores à criação da Diocese, estendendo-se às produções contemporâneas, como os painéis e desenhos de Irmã Cláudia, as vestes litúrgicas idealizadas por Padre Domingos e os espaços sagrados cuidadosamente elaborados.

A Igreja, enquanto entidade orgânica e dinâmica, encontra na arte um meio de materializar e reforçar sua identidade. Os projetos artísticos de Padre Domingos e Irmã Cláudia, assim como outros elementos patrimoniais, são instrumentos que traduzem visualmente a esperança que emerge das comunidades de base. Essa identidade é formada não apenas pelas expressões artísticas, mas também pelo diálogo entre elas e o projeto pastoral idealizado por Dom Mauro Morelli e construído coletivamente por leigos e leigas.

Por meio da análise histórica, cultural e artística da Diocese, a trajetória desde sua fundação em 1980 foi apresentada, destacando como os objetos de arte contribuíram para fortalecer a relação entre a fé e a cultura. A linguagem plástica, a iconografia e os sentidos bíblico-teológicos das produções artísticas foram investigados, assim como o contexto contemporâneo da arte na comunidade religiosa e sua interação com os fiéis. Portanto, podemos afirmar que a identidade da Diocese não é estática, mas fluida e em constante diálogo com sua história e contexto social. Essa “Igreja da Esperança”, fruto de ações coletivas e da relação entre tradição e renovação, é um projeto artístico e pastoral que continua a se construir e a se manifestar por meio de sua arte e da vivência comunitária.

A produção artística desempenhou um papel central na construção da identidade da Diocese de Duque de Caxias, atuando como um meio de articulação entre tradição, fé e cultura local. Através das expressões criativas de figuras emblemáticas como Irmã Cláudia e Padre Domingos, a Diocese consolidou uma estética própria, que reflete tanto as raízes históricas quanto os desafios contemporâneos. Irmã Cláudia, com seus desenhos, não apenas perpetuou o legado da arte sacra contemporânea em nossa localidade, mas também inseriu um olhar sensível às demandas espirituais e culturais da comunidade, e, Padre Domingos, ao idealizar paramentos litúrgicos e assessorar espaços litúrgicos, trouxe uma abordagem teológica e simbólica, enfatizando o papel da arte como instrumento catequético e pastoral.

Essas produções artísticas ajudaram a moldar a identidade visual e espiritual da Diocese, resgatando elementos da tradição cristã enquanto dialogam com o contexto cultural da Baixada Fluminense. A incorporação de símbolos litúrgicos universais, como o uso de formas simples e materiais locais, demonstra uma preocupação com a verdade dos sinais e com a aproximação entre o sagrado e a experiência do povo de Deus. Ao mesmo tempo, há uma valorização das contribuições culturais afro-brasileiras e indígenas, o que reforça a identidade plural e inclusiva da Diocese.⁴⁷

No contexto da construção de um projeto estético para uma nova Igreja, essas experiências artísticas serviram de base para a compreensão de uma unidade entre liturgia, arquitetura e pastoral. A busca por uma estética que dialoga com a comunidade foi fundamental para criar espaços que expressam a espiritualidade e a missão da Igreja. Essa abordagem se

⁴⁷ Exemplo significativo dessa fusão cultural é a Missa Afro, que incorpora elementos de expressões religiosas e artísticas afro-brasileiras, como danças, músicas e vestes litúrgicas com grafias e símbolos de origem africana. Além disso, a utilização de elementos sacros com influências indígenas e afro-brasileiras nas vestes e objetos litúrgicos reforça a conexão da Diocese com as tradições locais, promovendo uma liturgia que dialoga com as diferentes culturas presentes na comunidade, e destacando a diversidade como uma rica expressão da fé no contexto brasileiro.

revela não apenas no resgate de elementos tradicionais, mas também na abertura para novas linguagens artísticas, que ampliam a vivência do mistério cristão e reafirmam a centralidade do povo na Igreja. Assim, a contribuição desses artistas estudados transcende o aspecto meramente estético e se transforma em um instrumento de evangelização e construção comunitária. A diocese de Duque de Caxias mantém sua unidade e identidade diocesana por meio de uma estreita articulação entre sua história, sua arte e sua dinâmica pastoral.

A atuação dos leigos, especialmente das mulheres,⁴⁸ tem sido essencial para a preservação do patrimônio e para a vitalidade pastoral que evidencia a dimensão comunitária da Igreja. Diante das questões contemporâneas, como a crescente urbanização, as desigualdades sociais, poluição do ar e dos rios, perda de fiéis, a Diocese enfrenta o desafio de se manter fiel às suas raízes sem perder a capacidade de dialogar com a modernidade. Isso inclui integrar novas linguagens culturais e responder às demandas de uma sociedade cada vez mais plural, conectada e polarizada. A promoção da inclusão, o fortalecimento da ação social, o compromisso com a sustentabilidade e as juventudes são algumas das questões que permeiam sua agenda pastoral.

O ideal de uma “Igreja esperança”, reafirmado no contexto do Jubileu da Esperança de 2025, proposto pelo Papa Francisco, oferece uma perspectiva inspiradora para a diocese de Duque de Caxias. O jubileu convoca os fiéis a renovar sua fé e a se comprometer com uma espiritualidade de acolhimento, reconciliação e missão. Nesse sentido, a Diocese tem a oportunidade de fortalecer sua identidade como uma Igreja acolhedora e profética, que celebra a diversidade e se compromete com os mais vulneráveis.

As perspectivas para reafirmar esse ideal incluem a renovação do diálogo entre tradição e contemporaneidade, a continuidade dos projetos pastorais voltados para as periferias e a formação de lideranças comprometidas com a missão evangelizadora. Além disso, o Jubileu de 2025 pode ser um marco para aprofundar a catequese sobre a esperança, promover celebrações que unam o patrimônio cultural e a vivência comunitária e revitalizar os espaços litúrgicos como expressões de comunhão e transcendência. Essa renovação aponta para uma Igreja que não apenas preserva sua história, mas também constrói um futuro pautado na esperança ativa e na

⁴⁸ Pode-se pensar no ministério feminino no que se refere à participação ativa das mulheres em diversas funções e serviços dentro da Igreja, abrangendo atividades como líderes de grupos de oração, catequistas, educadoras e, em algumas tradições, até funções litúrgicas e pastorais. Embora o sacerdócio ainda seja restrito às figuras masculinas em algumas denominações, o ministério feminino tem ganhado importância, principalmente em igrejas que reconhecem as mulheres como pastoras e pregadoras. Esse ministério também está relacionado à promoção da igualdade de gênero dentro da Igreja, refletindo uma visão inclusiva e plural na qual as mulheres desempenham um papel significativo no fortalecimento da fé e da cultura cristã.

solidariedade cristã. Nesse processo, a arte ocupa um lugar central, servindo como um canal de transcendência e de projeção utópica.⁴⁹

A Diocese de Duque de Caxias, com sua rica tradição artística e cultural, encontra nessa visão uma inspiração para transformar renúncias e desafios em expressão de esperança, projetando na configuração de suas comunidades e espaços litúrgicos a promessa de um futuro renovado. Assim, o ideal da “Igreja esperança” não é apenas uma meta a ser alcançada, mas uma realidade vivida e configurada pela ação pastoral e pela criatividade coletiva dos fiéis através da arte sacra.

⁴⁹ Tal pensamento é afirmado por Ernst Bloch, que, em seu livro “Princípio Esperança”, afirma que “A arte recebe esse caráter utópico do sonho diurno, não como algo levemente decorado, mas como algo que também carrega em si renúncias, que, se não forem superadas pela arte, não são esquecidas, mas, antes, abraçadas pela alegria da configuração futura” (Bloc, 2004, p. 126).

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Nelson. **Arte Popular: Mostra do Redescobrimento**. In: AGUILAR, Nelson. *Arte Popular: Mostra do Redescobrimento - Brasil 500 é mais*. São Paulo: Ministério da Cultura, 2000.

AMARO, Tânia. **Baixada Fluminense e Duque de Caxias: do Recôncavo Guanabará à Baixada Fluminense**. Amigos do Instituto Histórico de Duque de Caxias, 2020. Disponível em: <https://amigosinstitutohistoricodec.com.br/?p=1>. Acesso em: 19 nov. 2024.

ARAUJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. **Memórias históricas do Rio de Janeiro e das Províncias anexas a jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João VI**. Tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1820.

ARAUJO, Emanuel. **Artistas e Artífices: Ancestralidade, Arcaísmos e Permanências - Uma Introdução à Estética Popular**. In: *Arte Popular: Mostra do Redescobrimento - Brasil 500 é mais*. São Paulo: Ministério da Cultura, 2000.

AZEVEDO, Luis Felipe. **Morre Dom Mauro Morelli, bispo emérito de Duque de Caxias**. O Globo, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/10/09/morre-dom-mauro-morelli-bispo-emerito-de-duque-de-caxias.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2024.

BEUQUE, Jacques Van de. **Arte Popular Brasileira**. In: BEUQUE, Jacques Van de. *Arte Popular: Mostra do Redescobrimento - Brasil 500 é mais*. São Paulo: Ministério da Cultura, 2000.

BLOCH, Ernest. **El principio esperanza**. Ed. Francisco Serra. Trad. Herederos de Felipe Vicén. Madrid: Trotta, 2004.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: As Comunidades Eclesiais de Base Reinventam a Igreja**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, André Andrade. **Espaço sagrado: após o Concílio Vaticano II**. Uberlândia, MG: A Partilha, 2011.

CARIAS, Celso. **De Mauro Morelli a Francisco: por uma Igreja sinodal**. Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612812-de-mauro-morelli-a-francisco-por-uma-igreja-sinodal>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CARPANEDO, Penha. **Arte no Espaço Litúrgico: Entre a Matéria e o Mistério**. São Paulo: Edições Loyola; Apostolado Litúrgico, 2024.

CHAVES, José Reis. **Palingenesia vem do grego e é sinônimo do ciclo reencarnatório**. Revista digital *O Tempo Colunas*, 2016. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/jose-reis-chaves/palingenesia-vem-do-grego-e-e-sinonima-do-ciclo-reencarnatorio-1.1276821>. Acesso em: 19 nov. 2024.

COMUNIDADES eclesiais de base: uma Igreja que nasce do povo: encontro de Vitória, ES. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1975.

CONCÍLIO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium**: constituição conciliar sobre a sagrada liturgia. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Falecimento Dom Mauro Morelli**. CNBB, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/falecimento-dom-mauro-morelli/#:~:text=Durante%20o%20primeiro%20per%C3%ADodo%20no,da%20Comiss%C3%A3o%20Representativa%20da%20CNBB>. Acesso em: 7 nov. 2024.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE DILLINGEN (IRFD/RJ). Centenário da Irmã Claudia. Franciscanas de Dillingen, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://franciscanasdedillingen.org.br/provincia-em-foco/414-centenario-da-irma-claudia>. Acesso em: 7 nov. 2024.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**: a estética e o conceito de arte. Trad. Pedro Süsskind. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

GUSMÃO, Elaine. **Presença do Barroco no Recôncavo da Guanabara**: Memória de um passado esquecido na freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Aguassu, Morabahi e Iguaré. Duque de Caxias, RJ: ASAMIH, 2019.

GUSMÃO, Elaine. Singularidades da Arte Sacra no Recôncavo da Guanabara: Análise formal e estilística dos bens integrados da igreja de Nossa Senhora do Pilar do Iguassu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**, v. 30, n. 30, Rio de Janeiro, 2023.

GUSMÃO, Elaine; ALMEIDA, Tania (orgs.). **Patrimônio da Fé**: Diocese de Duque de Caxias. Rio de Janeiro: ASAMIH, 2019.

HUBNER, Manu Marcus. **Um estudo sobre o termo *rûaḥ* na Bíblia Hebraica**. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Universidade de São Paulo, n. 20, 2021. ISSN 2317-8051.

INSTITUTO Humanitas Unisinos. **A opção pelos pobres não é uma opção sociológica, não é a moda de um pontificado, é uma exigência evangélica, atesta o Papa Francisco**. Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584735-a-opcao-pelos-pobres-nao-e-uma-opcao-sociologica-nao-e-a-moda-de-um-pontificado-e-uma-exigencia-evangelica-atesta-o-papa-francisco>. Acesso em: 19 nov. 2024.

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

KLOPPENBURG, Dom Boaventura (O.F.M.). **Igreja Popular**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1983.

MACHADO, Regina Celi. A fonte batismal da catedral de Duque de Caxias: uma experiência de arquitetura e liturgia. **Revista de Liturgia**, ano 31, n. 183, maio/jun. 2004. p.10-11.

MACHADO, Regina Celi. **Projeto de peças litúrgicas para presbitério**: Diocese de Duque de Caxias. 1996.

MACHADO, Regina Céli. O passo a passo na construção de uma igreja: o programa iconográfico de uma igreja. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 226, 2011. p. 27-30.

MATTOS, Theóphilo (org.); MARQUES, Alexandre; OLIVEIRA, Ercília; ALMEIDA, Tania. **História de uma Nova Igreja**: Jubileu de prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti - 12 de julho de 1981 a 12 de julho de 2006. Rio de Janeiro: Renascer, 2006.

MORELLI, Dom Mauro. **Carta Pastoral Levanta-te e caminhe**: Referente ao Ano Pastoral do Bispo Diocesano Dom Mauro Morelli “Vem, Senhor Jesus”. Aos padres e às comunidades. Duque de Caxias: Diocese de Duque de Caxias, 1983.

MORELLI, Dom Mauro. **Amanhecer do Novo**: Profecia de João XXIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MORELLI, Dom Mauro. **Diretrizes pastorais para o batismo de crianças e adultos**: batismo na vida e na missão da igreja. Conclusão do 1º Sínodo Diocesano. Duque de Caxias: Diocese de Duque de Caxias, 1986.

MORELLI, Dom Mauro. **Comunhão, Co-responsabilidade e Coordenação Pastoral da Igreja em Duque de Caxias e São João de Meriti**. Rio de Janeiro: Loyola [Coleção Fé e Vida], 1988.

MORELLI, Dom Mauro. Carta Pastoral Normas Diretrizes para a Comunhão e Administração de Bens. **Jornal Pilar**, Duque de Caxias, nº 123, 2000.

MUÑOZ, Ronaldo. **A Igreja no Povo**: Para uma eclesiologia Latino-Americana. Trad. J. Thomaz Filho e Augusto Ângelo Zanatta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Ercília Coêlho de. A Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti: Um Projeto de Igreja. **Pilares da história de Duque de Caxias e Baixada Fluminense**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 6, 2006.

ORMONDE, Padre Domingos. Padre Domingos participa no programa Igreja Sinodal, da CNBB, que refletiu a temática “Comunidades e Sacramentos”. [Entrevista cedida a] Marcus Tullius. **Igreja Sinodal CNBB**, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://diocesededuquedecaxias.org.br/padre-domingos-participa-no-programa-igreja-sinodal-cnbb-que-refletiu-a-tematica-comunidades-e-sacramentos/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra**: O Espaço Sagrado Hoje. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

PEREIRA, Edilson; OLIVEIRA, Paola Lins de. **Religião e arte**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Antropologia da religião: autores e temas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. **Opção pelos pobres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

PORTAL DAS CEBs. Última viagem do bispo sinodal Dom Mauro Morelli. **Portal das Comunidades Eclesiais de Base**, 2023. Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/ultima-viagem-do-bispo-sinodal-dom-mauro-morelli/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PORTAL DAS CEBs. O bispo sinodal Mauro Morelli é semeado na Catedral. **Portal das Comunidades Eclesiais de Base**, 2023. Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/o-bispo-sinodal-mauro-morelli-e-semeado-na-catedral/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SEIXLACK, Alessandra Gonzales de Carvalho. **Qual o objetivo dos movimentos de descolonização e descolonização?** Ciência Hoje, abril de 2024. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/qual-o-objetivo-dos-movimentos-de-decolonizacao-e-descolonizacao/#:~:text=Segundo%20a%20intelectual%20estadunidense%20Catherine,sabere%20silenciados%20pelas%20estruturas%20colonizadoras>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SENDRA, Sueli Rubens. Ação de graças pelos 101 anos de Irmã Claudia Schmid. **Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen**, Duque de Caxias, 2015. Disponível em: <http://franciscanasdedillingen.org.br/provincia-em-foco/1372-101-anos-de-irma-claudia>. Acesso em: 7 nov. 2024.

SCHUBERT, Guilherme. **Arte para a fé: nos caminhos traçados pelo Vaticano II**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

TEMPESTA, Orani João. O Concílio Vaticano II. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-concilio-vaticano-ii/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (TCE-RJ). **Estudo socioeconômico: município de Duque de Caxias**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.tce.rj.gov.br/documents/10180/627261/Estudo%20Socioeconomico%202004%20duquedecaxias.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Esplendor Luso-brasileiro**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

VATICAN NEWS. Papa Francisco: Sínodo é para ter uma Igreja viva, que escuta e com espírito de sinodalidade. **Vatican News**, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/papa-francisco-sinodo-igreja-viva-escutar-espirito-sinodalidade.html>. Acesso em: 19 nov. 2024.

VATICAN NEWS. Papa Francisco: Igreja viva deve escutar o Espírito em atitude de sinodalidade. **Vatican News**, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/papa-francisco-sinodo-igreja-viva-escutar-espirito-sinodalidade.html>. Acesso em: 7 nov. 2024.

VATICAN NEWS. Papa Francisco responde “dubia” de cinco cardeais. **Vatican News**, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html>. Acesso em: 1 nov. 2024.

VATICAN NEWS. Papa: a arte cria solidariedade num mundo dividido e devastado pelas guerras. **Vatican News**, 09 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-francisco-benfeitores-artes-museus-vaticanos-40-anos.html>. Acesso em: 19 nov. 2024.

VATICAN NEWS. Papa Francisco: Peregrinos da esperança e da fé no Jubileu 2025. **Vatican News**, 03 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-12/papa-francisco-video-dezembro-peregrinos-esperanca-fe-jubileu.html#:~:text=Que%20o%20Jubileu%20nos%20fortale%C3%A7a,em%20peregrinos%20da%20esperan%C3%A7a%20crist%C3%A3.%E2%80%9D>. Acesso em: 30 dez. 2024.

VILHENA, Maria Angela. **A Religiosidade Popular à luz do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

VILLELA, Gustavo. Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, sequestrado e torturado em 76. **O Globo**, 2016. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dom-adriano-hypolito-bispo-de-nova-iguacu-sequestrado-torturado-em-76-20160361> . Acesso em: 19 nov. 2024.